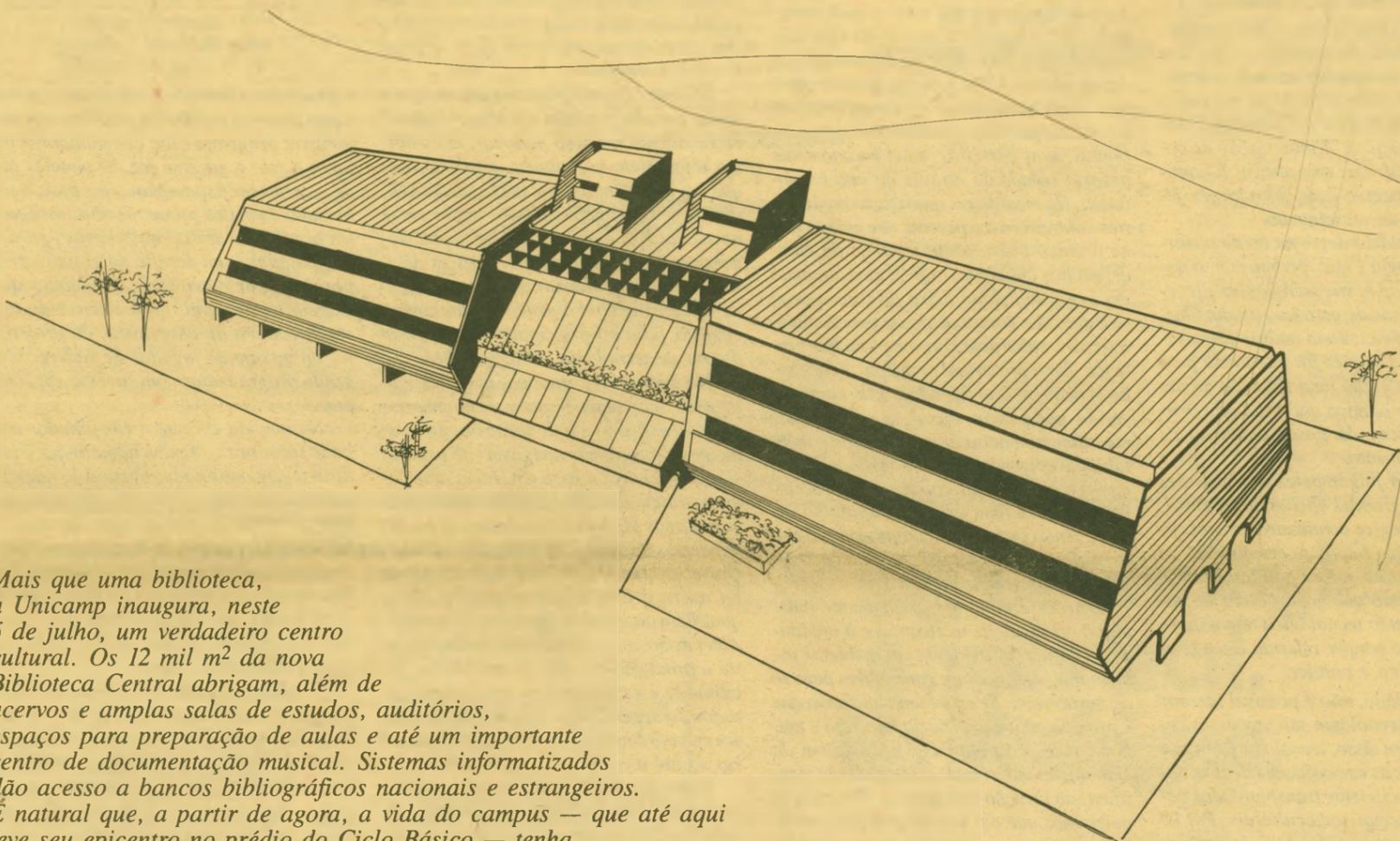
Campinas, julho de 1989 Ano III—nº 33

O acervo de Eulálio

Os 12 mil livros reunidos por Alexandre Eulálio ao longo de sua vida — e que traçam o perfil do intelectual, do homem de cinema e do animador cultural — já estão na Unicamp, constituindo o acervo que leva o seu nome. A coleção faz agora companhia a outros acervos importantes como o de Sérgio Buarque e Antonio Candido. **Página 4.**

Muda o coração do campus

Mais que uma biblioteca, a Unicamp inaugura, neste 5 de julho, um verdadeiro centro cultural. Os 12 mil m² da nova Biblioteca Central abrigam, além de acervos e amplas salas de estudos, auditórios, espaços para preparação de aulas e até um importante centro de documentação musical. Sistemas informatizados dão acesso a bancos bibliográficos nacionais e estrangeiros. É natural que, a partir de agora, a vida do campus — que até aqui teve seu epicentro no prédio do Ciclo Básico — tenha seu fluxo deslocado mais para oeste. É lá que pulsa o seu novo coração. **Páginas 6 e 7.**

Químicos lembram a revolução de Laurent Lavoisier

Enquanto a França e o mundo festejam os 200 anos da Revolução Francesa, químicos de todos os quadrantes aproveitam para lembrar que foi no seu torvelinho que rolou a cabeça de Lavoisier, o homem que revolucionou a química também em 1789. **Página 3.**

Quem conta a história dos perdedores?

A história escrita a partir de fontes oficiais é digna de confiança? Nem sempre, porque corresponde ao ponto de vista dos vencedores. Historiadores como Edgar De Decca têm conspirado contra ela. **Página 8.**

Brasil já era habitado há 48 500 anos

Nova datação fixada pela arqueóloga Niède Guidon, professora visitante da Unicamp, confirma que a civilização americana pode ter começado no Piauí. ***Última página.***

Unicamp busca chip óptico e redes neurais

*Os computadores inteligentes de que fala a **science ficcion** podem não estar muito distantes no tempo. A evolução das pesquisas com o chip óptico e com as redes neurais são um sintoma disso. Ambas as linhas de investigação caminham paralelamente — e bem — na Unicamp.* **Página 5.**

Opinião

O Brasil perdeu o bonde da C&T?

Hélio Waldman

No século XX, o Brasil se transformou de país rural em urbano. Essa mudança, que mexeu fundo nas relações de poder e na organização social do país, esteve sempre associada a um projeto de modernização formulado pelas elites e docilmente assimilado pelas camadas populares. Nesse projeto, a ciência teve papel reduzido, mas a tecnologia foi instrumental. No campo, ela funcionou como fator de atração ao oferecer oportunidades de assistência médica, novas formas de inserção social e cultura, e principalmente atividade econômica.

O mecanismo básico de absorção de tecnologia foi a política industrial, baseada no modelo da substituição de importações. No bojo da implantação e expansão do parque fabril, necessário para implementar esta política, veio a tecnologia estrangeira, com seus efeitos condicionantes sobre o mercado de trabalho, o sistema educacional, as relações sociais, o espaço urbano etc. A importação de mercadorias foi substituída pela de tecnologia e de insumos energéticos. A importação de capital gerou a dívida, que obstrui a continuidade do processo e, de certa forma, fecha um ciclo de crescimento.

A conseqüência desse modo de absorção de tecnologia é que, geralmente, o domínio do uso de novas tecnologias precedeu a capacidade de gerá-las, produzi-las, aperfeiçoá-las etc., e em muitos casos essa capacitação sequer foi adquirida pelo País. Criou-se então uma situação de dependência tecnológica que é um dos componentes básicos da nossa condição de subdesenvolvimento.

E agora? A julgar pelos antecedentes históricos, as grandes opções de desenvolvimento tecnológico continuarão a ser condicionadas pelos rumos de crescimento do País, definidos na esfera política. Esse é o primeiro ponto que gostaríamos de enfatizar: a questão tecnológica não é autônoma, estando sempre referida a um contexto econômico e político.

Por outro lado, não é possível ignorar que ciência e tecnologia são processos cumulativos. Além disso, tecnologias geradas para satisfazer as necessidades de uma sociedade são facilmente transplantadas para outros contextos socioculturais. Por isso, o cardápio de opções tecnológicas de um país relativamente atrasado como o nosso, deverá, por muito tempo ainda, ser dominado pelos frutos da elaboração cultural de outras sociedades.

Nessas condições, as perspectivas da ciência e tecnologia no Brasil do próximo século parecem estar balizadas por dois grandes contextos: em primeiro lugar, o nosso destino político (ou destinação, se não for autodeterminada); e em segundo, o cenário mundial do empreendimento científico e tecnológico.

A questão política brasileira é extremamente intrincada, e nem mesmo uma discussão superficial caberia nesse texto. Vamos tocar apenas em dois aspectos em que ela incide sobre a questão da ciência e tecnologia. Em primeiro lugar, lembremos que um contingente enorme de brasileiros vive em condições desfavoráveis para a atividade intelectual. Segundo diferentes conceituações da miséria, estima-se entre 30 e 70% o percentual de brasileiros que vive nesta condição. São 40 a 100 milhões de pessoas que formam a grande massa oprimida, um testemunho gritante do nosso atraso social. A experiência histórica é clara: não é dessas sociedades atrasadas que se nutre o avanço da ciência. Soerguer a condição dessa gente é a tarefa política mais urgente de qualquer regime que se proponha a levar adiante o processo de modernização do país. Para isso, não é necessário nenhum grande programa de desenvolvimento científico e tecnológico. A tecnologia necessária para construir mais casas, distribuir mais comida, alfabetizar e educar mais crianças, coletar esgotos etc., já está essencialmente disponível, podendo sempre ser melhorada e adaptada, mas sem que isso se constitua num grande desafio para a ciência e engenharia nacionais.

O segundo aspecto político que abordamos diz respeito aos setores mais protegidos da sociedade. Convivendo com tanto miséria, os cidadãos desses setores talvez se sintam à beira de um grande abismo sócio-econômico. É compreensível, portanto, que eles queiram proteger suas rendas, suas carreiras, e até mesmo a sua própria cidadania através da luta corporativa. Na medida em que a falência de outros valores cívicos permite que esse se torne o único instrumento legítimo de autodefesa dos cidadãos, cria-se uma situação em que o indivíduo deixa de valer por si só e pela sua contribuição ao bem comum, e passa a valer pela sua corporação a que pertence (daí a proverbial pergunta: "você sabe com quem está falando?"). Estando inserida neste meio social, a comunidade científica brasileira não está imune à mentalidade corporativista. Na verdade, ela já começa a se revelar como corporação influente e poderosa dentro do aparelho estatal, tendo inclusive "conquistado" para os professores universitários uma carreira baseada em tempo de serviço.

Ora, esse clima é extremamente inóspito à criatividade intelectual e à atividade científica, que exigem um ambiente estimulante, desafiador e competitivo para se desenvolverem. Se existe uma iniciativa que é privada pela sua própria natureza e não por concessão política, é a iniciativa da elaboração intelectual, da descoberta científica, da criação tecnológica. Por isso, se quisermos que ela se multiplique e frutifique, precisamos estimulá-la ao nível do cientista e do seu empreendimento, e não apenas da corporação. Basta ver o ambiente em que se desenvolvem os estudos e pesquisas nos países que apresentam boa produtividade científica.

Pelo que acaba de ser exposto, parece claro que o Brasil não tem condições de ingressar no século XXI com uma atividade importante, em termos mundiais, em ciência e tencologia. Não há mais tempo. Antes de pensar nisso, e até mesmo para podermos pensar nisso, precisaríamos criar pelo menos uma geração de brasileiros razoavelmente protegida da fome e das doenças. Além disso, seria necessário expor essa população a uma experiência educacional moderna, isto é, a uma educação que reconheça na formação científica uma dimensão fundamental da cultura; e estabelecer um sistema de ciência e tecnologia que atraia os mais aptos e os coloque em saudável competição com base no mérito. A tarefa é gigantesca, e certamente extrapola de muito o campo de ação da nossa pequena comunidade científica. Mas se não for feita, certamente atravessaremos mais um século como nação caudatária no campo da ciência e tecnologia.

Mesmo para continuar andando a reboque das nações desenvolvidas no campo da ciência e tecnologia, precisaremos redobrar e/ou reformular nossos esforços na área, tendo em vista a emergência de novos paradigmas tecnológicos gerados pelas sociedades avançadas. Destes, o de maior impacto até agora é constituído pelas tecnologias de tratamento automatizado da informação, abrangendo a informática e as telecomunicações. A estas já estão se juntando tecnologias de impacto potencialmente ainda maior, de manipulação de material vivo nos níveis celular e molecular: é a chamada biotecnologia. A possibilidade de sintetizar novos materiais a partir de uma engenharia operando no nível atômico também apresenta um potencial capaz de se traduzir em nova vertente técnico-econômica.

Díspares quanto possam parecer, esses novos paradigmas têm um traço comum: eles colocam em novo patamar, mais íntimo e profundo que nunca, a articulação que era quase inexistente até o século XIX, que dá seus primeiros passos importantes no século XX, e que poderá se tornar dominante no próximo século. Através dela, a ciência poderá deixar de se ocupar primordialmente com a produção do conhecimento, para ser principalmente uma produtora de tecnologia. O tempo dirá.

Na área da informática, uma das tendências que mais impactam o contexto sócio-econômico é a de tornar os equipamentos e programas amigáveis ao usuário ("user-friendly"). Essa tendência, que poderá atingir um alto grau de maturidade já nos anos 90, tem a virtude (ou vício, dependendo do ponto de vista) de rebaixar o nível de qualificação exigido de quem usa ou opera a tecnologia, mantendo alta a qualificação exigida de quem a produz. Além disso, ela acentua a dissociação entre a produção e o uso da tecnologia, facilitando e estimulando o mecanismo gerador da dependência tecnológica em países como o Brasil. Ela será amiga do usuário só até a hora de lhe fixar o salário.

Outra possível conseqüência desta tendência é a desvalorização da formação de nível médio, ou mesmo da formação superior de caráter meramente instrumental. Levantamentos recentes sobre a necessidade de profissionais pelo mercado de trabalho americano nos anos 90 apontam para a necessidade de profissionais de nível superior, como analistas e engenheiros de computação; e para a maior demanda por profissionais sem muita qualificação, como por exemplo garçons. As profissões de nível médio estão em baixa.

Por que será que os Estados Unidos vão precisar de tantos garçons? Acreditamos haver dois motivos. Em primeiro lugar, porque vai aumentar o número de engenheiros, cientistas e executivos que freqüentam restaurantes. Mas em segundo e mais importante, é porque, embora seja relativamente fácil treinar um ser humano para ser garçom, é praticamente impossível programar um computador para fazer o que o garçom faz. O simples ato de reconhecer fisionomias, que para o ser humano é um dos primeiros atos inteligentes praticados após o nascimento, para o computador é um desafio de grandes proporções. Por outro lado, atividades que exigem treinamento mais intenso do homem, como a do desenhista, do projetista, ou mesmo do jogador de xadrez, vêm sendo programadas com sucesso em computadores.

O engenheiro elétrico Hélio Waldman é pró-reitor de Pesquisa da Unicamp.

Na medida em que o computador não pode substituir o homem naquilo que é natural a este, mas pode substituí-lo naquilo para o qual este é treinado, torna-se supérfluo treinar as pessoas para dar respostas bem determinadas para problemas bem formulados em contextos bem estruturados. Isso reduz a importância da formação de nível médio, que em geral tem esse caráter de adestramento (quando terminal, ou seja, profissionalizante).

É claro que essas mudanças no mercado de trabalho terão enorme impacto sobre o sistema educacional, que poderá perder sua tradicional estrutura piramidal, para tomar uma forma parecida com um cálice. Isso certamente coloca em desvantagem países em desenvolvimento como o Brasil, que mal consegue produzir a base do cálice, dados os enormes custos envolvidos na massificação do ensino superior. E coloca em vantagem aqueles países que puderam, e souberam, massificar o ensino superior de qualidade, como parece ser o caso do Japão.

Finalizando, poderíamos qualificar nossas perspectivas como pouco promissoras no contexto atual. Melhorá-las requer mais do que o simples aumento de verbas públicas para o setor. Requer mudanças no contexto da comunidade científica, no contexto social do país, e até no contexto mundial. Mudanças que só ocorrerão pela força da nossa vontade, organização, trabalho e luta.

CARTAS

De Maringá

"Há tempos passados (julho/88) tive a feliz chance de conhecer o referido Jornal e gostei muito da grande variedade e do alto nível de seu conteúdo; aprendi muito; como acadêmica do curso de Letras, com opção em Letras e Literaturas pela nossa Universidade Estadual de Maringá—Paraná, e também como profunda amante das "literaturas", peço-lhe que, na medida do possível, envie-me exemplares do referido jornal.

Creio que tal concessão só seja possível a ex-alunos ou em caso especial; porém, ficarei muitíssimo grata se meu "ousado" pedido for atendido. **Sônia Maria Capagnolo Gimenes. Maringá, Paraná.**

O "Jornal da Unicamp" é distribuído não só a ex-alunos mas também a todos os que o solicitam. Seu nome acaba de ser cadastrado, Sônia.

Jornal da Unicamp

FOTOLITOS E IMPRESSÃO
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP
Rua da Mooca, 1921 Fone 291 3344.
Vendas, ramais 257 e 325
Telex 011 34557 DOSP
Caixa Postal 8231 São Paulo
C.G.C. (M.F.) N.º 48.066.047/0001-84
GOVERNO DE SÃO PAULO

Reitor — Paulo Renato Costa
Coordenador Geral da Universidade — Carlos Vogt
Pró-reitor de Pós-Graduação — Antônio Mário Sette
Pró-reitor de Graduação — Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Extensão — José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento — Ubiratan D'Ambrósio
Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas, SP. Telefones (0192) 39-3134/39-3148. Telex (019)1150
Editor Eustáquio Gomes (Mtb 10.734)
Redatores: Amarildo Carnicel (Mtb 15.159), Antônio Roberto Fava (Mtb 11.713), Célia Piglione (Mtb 13.837), Graça Caldas (Mtb 12.918), Roberto Costa (Mtb 13.751)
Fotografia: Antoninho Perri (Mtb 828)
Ilustração: Oséas de Magalhães
Diagramação: Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Paste-up e Arte-Final: Oséas de Magalhães e Clodinei Luis de Souza
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais, Clara Eli Salinas e Clodinei Luis de Souza

Tudo se transforma, Lavoisier fica

Químicos de todo o mundo celebram os 200 anos da obra-prima do gênio francês.

Em 14 de julho de 1789, a França e o mundo assistiram à tomada do maior símbolo do absolutismo: a Bastilha. As massas rebeladas de Paris invadiram a prisão política, libertaram os presos e atearam fogo no edifício. A Queda da Bastilha tornou-se assim o marco da Revolução Francesa, que comemora em julho seu bicentenário (ver matéria abaixo). No mesmo ano também ocorria na França outra revolução, esta no campo do saber científico. O químico Antoine Laurent Lavoisier, autor da célebre frase "na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma", lançava em livro seu mais famoso trabalho, o **Tratado Elementar da Química**, obra que demarcou, historicamente, o início da nova química.

Autor de inúmeros trabalhos científicos, Lavoisier tornou-se um dos maiores sábios da França. Em seu laboratório reuniam-se destacados cientistas e intelectuais da época. Entretanto, Lavoisier foi protagonista de dois episódios que pesaram decisivamente em seu futuro. O primeiro ao investir meio milhão de francos na Ferme Générale, uma empresa de capital privado que coletava impostos. Contratada pelo governo francês, a Ferme Générale, mediante remuneração fixa, ficava com o excedente. Ou seja, esses agentes do fisco tentavam arrancar do povo até o último centavo. Lavoisier, contudo, não usava o dinheiro somente para fins pessoais, mas também em pesquisas e na construção de um laboratório. O segundo episódio ocorreu após a eleição de Lavoisier para a Academia Francesa de Ciências, em 1768, quando tinha apenas 23 anos. O químico rejeitou a candidatura à Academia de Jean-Paul Marat, jornalista revolucionário e médico que se auto-rotulava cientista a partir de trabalhos publicados sem qualquer comprovação científica.

Calúnias

Marat tornou-se assim o mais perigoso inimigo de Lavoisier. Fundador do jornal "L'Ami du Peuple", o jornalista denunciava através de seu periódico as pessoas que considerava inimigas do povo e da causa revolucionária. Lavoisier era seu alvo predileto. Para Marat, o sábio francês não passava de um aprendiz de químico, administrador de pólvora e salitre e — pasme-se — responsável pelo interrompimento da circulação do ar em Paris após a construção da muralha erguida ao redor da cidade com o objetivo de conter a ação dos contrabandistas, entre outras calúnias.

Embora fosse alvo de severas críticas — a maioria sem fundamento — a produção científica de Lavoisier era incontestável. Significativa parcela de suas descobertas foi reunida no "Tratado". O trabalho contribuiu para apresentar uma imagem racional de suas novas teorias, enunciando claramente a lei da conservação da massa. Para insatisfação de Marat, o livro não só revelava o talento de Lavoisier como lhe garantiria mais tarde um lugar na galeria dos gênios da humanidade. "Lavoisier reformulou os conceitos da química", diz Aécio Pereira Chagas, professor do Instituto de Química da Unicamp e coordenador do ciclo de palestras que a unidade promoverá em setembro próximo, em comemoração ao bicentenário do livro de Lavoisier. "Ao descobrir vários fenômenos, entre eles o da propriedade de decomposição da água, Lavoisier ofereceu novos rumos à química", complementa Celso Ulysses Davanzo, professor do mesmo instituto. "Ele foi simplesmente brilhante".

Depois de revolucionar a química, Lavoisier entrou em rota de colisão com a Revolução Francesa e acabou decapitado.

Vingança

Porém os radicais antimonarquistas franceses que estavam no poder não pensavam dessa forma. Em 1792 os coletores de impostos foram caçados impiedosamente, entre eles Lavoisier, que foi proibido de entrar em seu laboratório antes de ser encarcerado. Marat, sedento de vingança e na posição de importante chefe revolucionário, comandou a perseguição e o julgamento pouco antes da execução, que não passou de uma farsa. "A República não necessita de cientistas", disse secamente o juiz encarregado de sua sentença. Assassinado em julho de 1793, Marat não assistiu ao espetáculo que certamente lhe provocaria maior prazer: ver rolar a cabeça de Lavoisier, guilhotinado dez meses depois.

A Revolução Francesa possibilitou, entre outras contribuições, o início do processo de institucionalização da ciência, o que permitiu o surgimento de cientistas profissionais. "Muitos pesquisadores ganharam notoriedade a partir de valiosas descobertas científicas", diz o professor Chagas. De fato, os cientistas, remunerados pelo governo, entregaram-se de corpo e alma à realização de novas experiências. **(A.C.)**

Da agricultura à pólvora, do salitre à astronomia

Antoine Laurent Lavoisier (1743-1794) era membro de família abastada. Filho de pai advogado, desde criança já revelava talento para os estudos. Inicialmente a astronomia foi a ciência que despertou maior interesse, enveredando depois pela geologia, onde realizou alguns trabalhos valiosos. Mas foi no campo da química que o jovem Lavoisier ganhou projeção mundial.

A medição precisa da composição do gesso natural foi o primeiro grande trabalho do químico que estava com apenas 20 anos. Lavoisier aqueceu o gesso e mediu acuradamente a água perdida. A difusão entre os químicos em geral da noção de medição quantitativa valeu a Lavoisier o título de pai da química moderna. O químicou realizou inúmeros trabalhos, entre eles melhorou a técnica de iluminação pública das cidades, e idealizou novos métodos de fabricar salitre, substância essencial na manufatura da pólvora. Em 1780 trabalhou na modernização da agricultura e em 1778 criou uma fazenda modelo.

Brasil também teve a sua Bastilha

Historiador traça paralelo entre a Revolução Francesa e a eclosão da República brasileira.

A Revolução Francesa, um dos episódios mais importantes da história universal, está comemorando duzentos anos. O fato é de grosso calibre e vem dando margem a numerosos debates. Os estudos acerca do assunto vêm tendendo para uma revisão liberal de uma historiografia que há dois séculos não pára de engordar. No Brasil, o fenômeno é objeto de discussão em universidades e centros de pesquisas. Um dos conferencistas que participaram de recente seminário promovido pela USP é o cientista político Décio Saes, do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH). Ele é autor do livro "A formação do Estado Burguês no Brasil: 1888-1891" (Editora Paz e Terra), que traça um paralelo entre a Revolução Francesa e a Proclamação da República do Brasil.

Em seu livro, resultado de um trabalho de livre docência, Décio Saes parte de conclusões obtidas através da observação dos processos de revolução político-burguesa. Ele conclui que entre 1888 e 1891 ocorre no Brasil um processo político análogo àquele ocorrido entre 1789 e 1794 na França.

Lacunas na História

"A historiografia tradicional brasileira é repleta de lacunas", diz Saes. Nela, a abolição é vista apenas como a cessação do trabalho forçado e a Proclamação da República como mudança pura e simples de regime político. Saes afirma que a abolição não representa apenas a liquidação de todo o conjunto de leis que garantia a propriedade de alguns homens sobre os demais. O fenômeno implica em uma reorganização do Estado que até então tinha uma única preocupação: atender aos caprichos e às necessidades dos homens livres. A partir de 1891 foram criadas condições políticas para a implantação do capitalismo no Brasil, para a imigração (que passa então a aumentar consideravelmente) e para a difusão do trabalho assalariado nas cidades.

Décio Saes: semelhança dos processos de revolução político-burguesa.

Em seu livro, Saes expõe que um dos fenômenos mais importantes da Revolução Francesa é o acesso do campesinato à propriedade da terra. O fato implicou numa distribuição de renda mais igualitária, uma vez que a mão-de-obra para a indústria se tornou gradativamente mais escassa. No Brasil, ao contrário, a revolução política registrada entre 1888 e 1891 não foi acompanhada por uma revolução camponesa. "A população rural de baixa renda não se tornou proprietária de terras", diz o pesquisador. Não foram criadas condições para que o capitalismo recém implantado pudesse seguir um padrão mais equilibrado de distribuição de renda .

Polêmica e confrontos

A Revolução constitui ainda objeto de polêmica em vários segmentos da sociedade francesa. Há um confronto entre duas grandes escolas que sustentam pontos de vista radicalmente opostos. De um lado a jacobina, de inspiração marxista e liderada pelos historiadores Albert Soboul, Albert Mathiez e George Lefèbre, para quem o fenômeno consistitui importante etapa de um processo de revolução burguesa indispensável à implantação do capitalismo naquela sociedade. De outro estão os historiadores liberais da Nova Escola, liderados por François Furet. Para Furet, a Revolução Francesa deve ser considerada no máximo a derrapagem de um processo, o de centralização político-administrativa da França. Para os historiadores dessa linha, a revolução não passa de um mito.

Saes afirma que para codificar o processo da Revolução Francesa é fundamental concentrar a atenção sobre o que se passa a nível da estrutura jurídico-política entre 1789 e 1794. Nessa fase vigora ainda um direito feudal cuja essência consiste numa distribuição desigual de privilégios e obrigações. A revolução liquida com os direitos senhoriais viabilizando a existência do contrato trabalhista, a formação de um mercado de trabalho e até mesmo a implantação da indústria moderna. Esse fenômeno histórico possibilitou ainda a reorganização do aparelho do Estado, que se abriu através de decretos a todas as classes sociais. O pesquisador cita que até meados do século XIX a chamada indústria moderna era um setor minoritário dentro da economia francesa. Predominavam formas arcaicas como o trabalho a domicílio, manufatura e artesanato. Somente mais tarde, mas em razão das condições criadas pela revolução, é que ocorre a grande transformação econômica: o estabelecimento do predomínio do modo de produção capitalista na sociedade francesa.

Opiniões contrárias

Em dezembro passado duas pesquisas realizadas na França (uma feita pela rede de televisão "TF-1" e outra pela revista "Le Nouvel Observateur") revelam que a população diverge quanto à Revolução. Mais da metade (59%) desaprova a condenação e a execução de Luís XVI. Entretanto 66% reputam a Revolução como necessária para que a sociedade francesa mudasse, na época. Outro aspecto interessante da entrevista: 49% não vacilaram ao responder que teriam participado da Revolução, se fossem contemporâneos de Danton e Robespierre. Não mais de 6% lutariam contra ela. **(A.C.)**

Além de professor, ensaísta e animador cultural, Eulálio foi ator e diretor de cinema.

Eulálio (aqui, com JK) foi um dos homens mais cultos do Brasil, segundo Antonio Candido.

Anexa à biblioteca do IEL, a sala que leva o nome do ex-professor da Unicamp.

Acervo de Eulálio conta sua vida

Já na Unicamp os 12 mil livros que acompanharam o escritor até sua morte em 88.

O ensaísta, crítico literário e ex-professor de Teoria Literária da Unicamp, Alexandre Eulálio (1932-1988), era também um grande bibliófilo. Exímio farejador de sebos e livrarias, Eulálio reuniu ao longo de seus 56 anos de vida um espantoso acervo de 12 000 livros. Consciente da importância de sua biblioteca e da utilidade que poderia representar especialmente para a pesquisa literária, Eulálio tinha uma preocupação: que seus livros não se dispersassem após sua morte. Um ano se passou e a Unicamp realizou esse desejo. Os 12 000 volumes, além de revistas, recorte de jornais, manuscritos, documentos, fotografias e algumas obras de artes plásticas estão agora reunidas numa sala que leva o seu nome, na biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), unidade onde trabalhou até os últimos dias de sua vida.

De posse da Unicamp desde o ano passado, o acervo de Eulálio começa a ser organizado por professores e alunos de pós-graduação do Departamento de Teoria Literária. "Trata-se de um rico material que deve ser trabalhado com muito carinho", diz a professora e curadora do acervo, Maria Eugênia Boaventura. Parte das obras da biblioteca de Eulálio traça um panorama da criação literária mundial, com ênfase em produções que mostram os primórdios da literatura brasileira, francesa, italiana, inglesa e norte-americana.

Numa das estantes da Sala "Alexandre Eulálio", há um espaço reservado para os livros com dedicatória ao crítico literário. São dezenas de livros de grandes escritores brasileiros, muitos já falecidos. "Corpo de baile", de Guimarães Rosa, "O anjo", de Jorge Lima e "Fala, amendoeira", de Carlos Drummond de Andrade (este último com um poema dedicado a Alexandre Eulálio na folha de rosto) são algumas das obras autografadas pelos autores. Entre as obras mais raras do acervo estão "Marília de Dirceu" (primeira edição, datada de 1792), de Thomas Antonio Gonzaga, e "Memórias do Districto Diamantino", escrito por Joaquim Felício dos Santos em 1868. O livro mais antigo da coleção é "Crônica Veneta", um conjunto de ensaios sobre Veneza escritos em 1697 por Antonio Pacifico di Pietro. Entretanto nenhum volume poderá ser retirado. "Será uma biblioteca não circulante", diz Maria Eugênia. Os livros somente poderão ser consultados no local. "Tudo pela preservação do acervo", diz.

Maior acervo da Universidade

Além dos 12 000 volumes que fazem do acervo de Alexandre Eulálio, agora, o maior da Universidade (o segundo é o do historiador Sérgio Buarque de Holanda, com 10 000 volumes), a sala destinada a seus livros terá um espaço para as obras raras da biblioteca do IEL. Serão também incorporadas ao acervo os 3 000 volumes da coleção do romancista Cornélio Penna, doada à Universidade por intermédio do próprio Eulálio. Outra coleção com lugar garantido na sala é a do empresário Müller Carioba, com 1 000 volumes — importante acervo que não estaria na Unicamp não fosse novamente o empenho do mesmo Eulálio.

Paralelamente à organização dos livros, professores e alunos do Departamento de Teoria Literária estão trabalhando na classificação dos manuscritos, documentos, artigos de jornais e revistas e nas centenas de fotografias que marcaram a vida do professor e ensaísta. Maria Eugênia e alunos estão debruçados sobre os manuscritos do jornalista e crítico Brito Broca. São 16 volumes dos quais três, já publicados, foram organizados por Alexandre Eulálio. O próximo volume "Papéis de Alceste" (Editora Pólis/Unicamp), será lançado em breve.

Homenagens

A próxima edição da revista "Remate de Males" (publicação do IEL), será em homenagem a Eulálio. Com artigos de professores de literatura e críticos literários, a edição deverá estar concluída até o final deste ano. Também foi realizado pelo Departamento um ciclo de palestras que teve como objetivo resgatar a memória do escritor, professor e homem de cinema. Entre os convidados estava o professor Antonio Candido, para quem "Eulálio foi um dos homens mais cultos e eruditos da intelectualidade brasileira". Paralelamente ao ciclo, foi realizada uma exposição de fotos que retratam vários momentos da vida do ex-professor da Unicamp.

Outra homenagem foi realizada pela Cinemateca, com a organização da mostra "Alexandre Eulálio e o Cinema", reunindo três curtas-metragens dirigidos pelo homenageado e mais quatro filmes em que teve participação como roteirista ou ator. **(A.C.)**

Entre livros, a paixão pelo cinema

Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha nasceu em Diamantina (MG) em 1932. Filósofo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Eulálio foi redator responsável da "Revista do Livro", órgão do Instituto Nacional do Livro (INL), de 1956 a 1965. Lecionou Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Universitário de Veneza (Itália) e na Universidade de Harvard (Estados Unidos) e também foi conferencista visitante nas universidades de Cambridge e Massachussetts no período de 1968 a 1972.

Retornando ao Brasil, ocupou o cargo de assessor cultural do Ministério da Educação e Cultura, tornando-se de 1975 a 1979 chefe de gabinete da Secretaria de Cultura do município de São Paulo. Em 1981 integrou-se ao corpo docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, onde desempenhou a função de professor assistente do Departamento de Teoria Literária.

Literatura e cinema

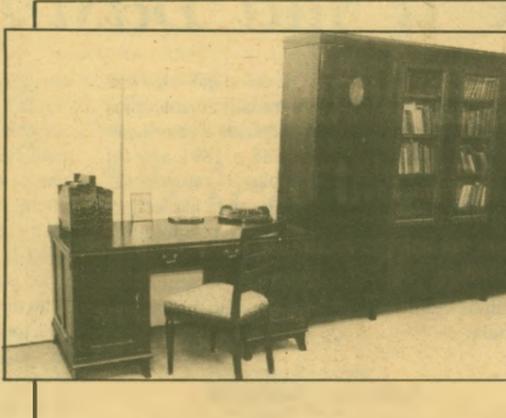
"A aventura brasileira de Blaise Cendrars" (1978), "Os dois mundos de Cornélio Penna" (1980) e "Os melhores poemas de Tomás Antonio Gonzaga" (1983) foram suas produções de maior destaque reunidas em livro. Como tradutor foi responsável pela versão brasileira de "O belo Antonio", de Vitalino Brancati, do ensaio "Nathanael West", de Santley Edgar Hyman e da "História geral da infância", de Jorge Luís Borges. No cinema colaborou decisivamente na elaboração do roteiro do filme "O homem do pau-brasil", de Joaquim Pedro de Andrade. Dirigiu alguns curtas-metragens como "Memória da Independência: exposição piloto", "Arte tradicional da Costa do Marfim" e "Murilo Mendes: a poesia em pânico". **(A.C.)**

Na Unicamp, biblioteca familiar de Candido

O mestre do ensaio doa à Universidade acervo que agora leva o nome de seu pai.

Lá está a velha máquina Royal, de ferro bruto, um cinza já bem desbotado pelo tempo, na qual foi escrita uma das obras-primas da sociologia brasileira: "Raízes do Brasil", do historiador Sérgio Buarque de Holanda, publicada em 1936. A velha Royal foi um presente de amigo, quando Sérgio Buarque embarcou para a Itália em 1953.

Essa máquina é uma das muitas peças que fazem parte do acervo do professor Antonio Cândido, doado recentemente à Biblioteca Central da Universidade. Junto com ela, além de móveis e material de escritório, vieram também 3.400 volumes que constituem uma significativa parte da biblioteca particular de Candido. O acervo doado, muito eclético, compreende obras de literatura brasileira, francesa, italiana, portuguesa, russa, alemã, entre muitas outras. Não faltando, obviamente, os de poesia, de teatro, de ensaios e de crítica literária.

Candido diz que essa se trata de "uma doação conjunta", porque encontram-se ali obras que pertenceram a seus pais — Aristides Candido de Mello e Souza e Clarisse Tollentino de Mello e Souza — e a seus dois irmãos, Roberto Antonio de Mello e Souza e Miguel Antonio de Mello e Souza. O acervo foi batizado com o nome do pai.

Móveis e utensílios de escritório acompanham o acervo que testemunhou, durante décadas, a vida intelectual da família Candido.

Vida através dos livros

A negociação com a Unicamp começou praticamente há três anos, quando o profº Carlos Vogt, coordenador geral da Universidade e amigo de Antonio Candido desde 1962, de quem foi aluno, soube da intenção do ensaísta em doar a vasta biblioteca instalada em sua casa em Poços de Caldas. A idéia de Candido era doar parte de seus livros à USP, onde foi professor durante muitos anos. E outra parte, a de ficção, para a Unicamp. Vogt lembra que o professor apresentava algumas condições, ligadas a espaço físico e adequação de local. Exigia também que se mantivesse a identidade da biblioteca, não dispersando os livros por diferentes setores. Vogt viu-se em condições de garantir essas condições, pois o prédio da nova Biblioteca Central estava para ser inaugurado. Feitos os acertos, a doação se concretizou.

Para Carlos Vogt, a vinda da biblioteca de Candido, "é algo extremamente importante e significativo, porque permite uma leitura intelectual da vida do ensaísta e de sua família, através das obras acumuladas ao longo do tempo. É um acervo de incomparável riqueza para estudos e pesquisas na área de humanas e especialmente de literatura". Quem ganha com isso, naturalmente, é a comunidade universitária.

O mineiro Aristides Candido de Mello e Souza era médico e devorador de clássicos russos. Pode-se por exemplo encontrar lá praticamente todas as obras de Dostoievsky e Tolstói. Do alemão Nietzsche também. Quanto aos portugueses — sua outra grande paixão — é possível que se encontrem ali também todos os Eça e todos os Camilo.

Trevisan, Drummond...

As obras raras do acervo, segundo cálculos de Vera Cristina Neumann, bibliotecária da Diretoria de Coleções Especiais da BC, alcançam os quase 300 volumes, muitos deles anteriores a 1900; há também obras com tiragens e edições bastante limitadas, como as de autores como Manoel de Araújo Porto Alegre, editadas em 1866 pela Garnier, ou Thomaz Antonio Gonzaga, autor do clássico "Marília de Dirceu", de 1866, também pela Garnier, e duas coleções completas de Auguste Comte sobre "Filosofia positiva", uma de 1877 e outra de 1890.

O acervo é ainda enriquecido com as obras que Antonio Candido herdou da mãe, dona Clarisse. Mulher extremamente religiosa, possuía uma infinidade de obras sobre religião, embora não dispensasse a fina ironia de clássicos franceses como Anatole France, o seu predileto. Tudo isso agora está à disposição do público universitário.

Dalton Trevisan, "o vampiro de Curitiba", comparece também no acervo familiar de Candido, mas de um modo peculiar: as edições princeps de alguns de seus primeiros livros, a maioria em papel jornal, de acabamento inferior e tiragem limitada, publicados pelo próprio autor. Entre os autores nacionais mais antigos, há muitos livros de Guilherme de Almeida, Murilo Mendes, Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Henriqueta Lisboa e Ribeiro Couto, entre outros não menos expressivos que tiveram participação importante no movimento modernista de 22.

No entanto, a biblioteca de Candido não é constituída apenas de escritores daquela época: os contemporâneos também estão lá, como Ignácio de Loyola Brandão, Antonio Torres, Nélida Piñon, Luiz Vilela, Edla van Steen, Roberto Drumond, Marcos Rey, Rubem Fonseca, Rubem Braga, Clarice Lispector e muitos outros.

O número de livros autografados e a ele dedicados comprova uma cisa já historicamente sabida: Candido é certamente a maior referência crítica brasileira deste século. "Para os mais novos Candido é considerado o grande mestre, o grande guia. Daí que seu acervo pessoal é de uma preciosidade inestimável não apenas para alunos e pesquisadores de literatura mas para toda a comunidade", avalia Vera Neumann. **(A.R.F.)**

Neurocomputador agita a informática

Unicamp não quer ficar atrás na corrida pelo computador inteligente.

— Qual a sua opinião sobre o último livro de Isaac Asimov?

— Futurista demais. Prefiro algo mais real.

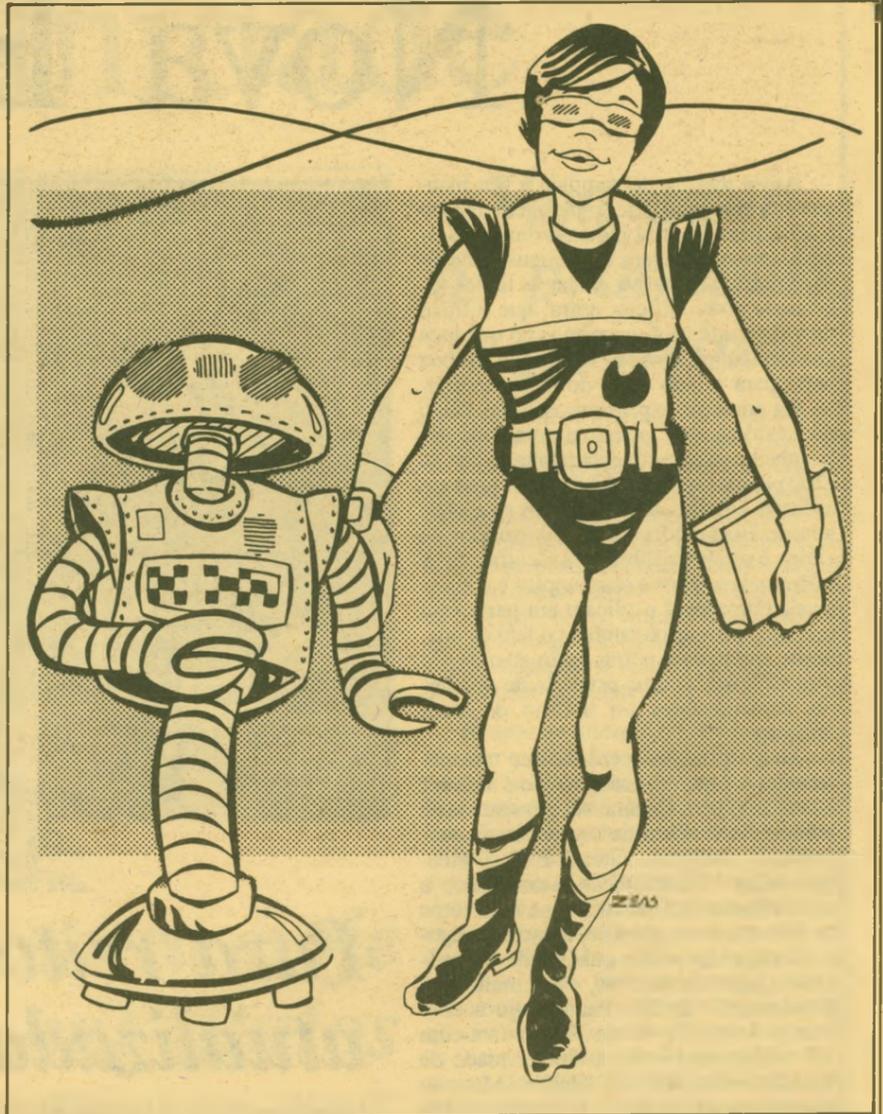
Diálogo semelhante a este pode ocorrer facilmente em mesas de bar ou salas de aula. Entretanto ninguém deve ficar surpreso se numa conversa como essa os interlocutores não forem dois seres humanos e sim um homem e uma máquina. É que cientistas do Japão e dos Estados Unidos travam há alguns anos aguerrida disputa na corrida para o lançamento daquele que já foi batizado como o computador de sexta geração: o neurocomputador. Com lançamento previsto para a próxima década, os neurocomputadores serão dotados de redes neurais que propiciarão ao computador não apenas a capacidade de armazenar dados, mas também a de raciocinar sobre as informações recebidas.

Conscientes dos parcos recursos de que dispõem para participar dessa guerra tecnológica, cientistas brasileiros de diferentes centros de pesquisa concentram suas atenções em investigações para a obtenção de uma linguagem que será utilizada quando os neurocomputadores baterem às suas portas. Na Unicamp, existem grupos de pesquisadores trabalhando em simulações a partir de programas realizados em PCs disponíveis na Universidade. O neuroifisiologista Renato Sabbatini comanda a equipe do Núcleo de Informática Biomédica (NIB), o médico Armando Freitas da Rocha está à frente do grupo do Departamento de Fisiologia e Biofísica do Instituto de Biologia e o engenheiro mecânico Márcio de Andrade Netto da equipe do Departamento de Engenharia da Computação e Automação Industrial da Faculdade Engenharia Elétrica da Unicamp.

"A grande novidade do neurocomputador é em relação ao software: ele não precisa ser programado", diz Sabbatini. Dotado de um sistema de hiperparalelismo com estrutura bastante semelhante à do cérebro, ele é constituído por uma rede de processadores individuais cujas conexões são formadas à medida que o computador aprende tarefas complexas, como por exemplo reconhecer textos escritos.

Agir sobre o doente

"Estamos preocupados em aprender a lidar com o neurocomputador antes que ele seja lançado no mercado", prossegue o coordenador do Núcleo. Na impossibilidade de trabalharem com um modelo real, pesquisadores do NIB vêm desenvolvendo softwares para o computador disponível no Núcleo, o PC 386. No momento os pesquisadores trabalham em programas de análises clínicas que permitem detectar com maior rapidez e precisão os resultados de exames de laboratório. Trabalham também no desenvolvimento de um software para ser incorporado a equipamentos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Segundo Sabbatini, o programa poderá diagnosticar sem margem de erro as alterações ocorridas com o paciente e quem sabe, num futuro próximo, até atuar sobre o doente aplicando os medicamentos necessários. "Estamos imitando o neurocomputador", diz. Sabbatini afirma que foi possível aumentar em 30 vezes a rapidez do computador convencional. "O modelo comum gasta 15 minutos para assimilar 50 aprendizados. No programado o tempo diminui para sete segundos, o que ainda é insatisfatório", afirma.

No Instituto de Biologia o professor Rocha comanda um grupo de pesquisadores que trabalham no desenvolvimento de software para diagnóstico de hipertensão arterial, desprezando a presença do médico. O paciente terá apenas que responder a um questionário diante do computador. "O resultado sairá em segundos", diz Rocha. O projeto, desenvolvido entre Unicamp, USP, Escola Paulista de Medicina e IBM deverá estar concluído em 1990. O projeto está dividido em três fases. A primeira, de pesquisa básica, já foi concluída e consumiu recursos da ordem de US$ 100 mil, provenientes da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A segunda terá início em julho e consiste em implementar programas para grandes computadores. Para esta fase os pesquisadores desenvolverão um protótipo de programa pensante compatível com os micros. CNPq e Fapesp financiarão os US$ 20 mil previstos para esta etapa.

Reconhecimento de padrões

No Departamento de Engenharia da Computação e Automação Industrial da Faculdade de Engenharia Elétrica da Unicamp a preocupação é quanto ao uso de redes neurais na área de reconhecimento de padrões. Há cinco anos pesquisando os fundamentos das redes neurais e suas aplicações através do desenvolvimento de programas, Márcio de Andrade Netto e outros cientistas do departamento pretendem fazer com que o computador entenda aquilo que enxerga ou ouve. "Uma câmera de TV enxerga e reproduz a imagem, porém ela não tem capacidade de identificá-la", explica. Os pesquisadores trabalham também em reconhecimento de caracteres e sinais elétricos de processos industriais. Em robótica, a preocupação é dupla: desenvolvem programas para a compreensão da visão e coordenação motora do dispositivo mecânico.

A maior dificuldade, segundo Andrade Netto, diz respeito à falta de recursos humanos. Para trabalhar com redes neurais é necessário que o pesquisador tenha sólida formação em Matemática, Física e Engenharia Elétrica. Outras unidades da Universidade já iniciaram estudos para melhor compreensão das redes neurais. Entre elas estão a Faculdade de Ciências Médicas (FCM), o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e o Centro de Lógica e Epistemologia (CLE). **(A.C.)**

Está nascendo o chip óptico brasileiro

Pesquisas avançam no mesmo laboratório que já deu a fibra óptica.

O primeiro chip óptico brasileiro está nascendo nos laboratórios da Unicamp. A maternidade é a Faculdade de Engenharia Elétrica (FEE). Ali, um grupo de quatro pesquisadores trabalha na matriz do projeto. A coordenação da pesquisa é do professor Vitor Baranauskas, chefe do Departamento de Semicondutores, Instrumentos e Fotônica.

Enquanto os computadores tradicionais se utilizam da transferência da matriz em linha (processamento de dados em série) e têm problemas de velocidade, o computador óptico, em desenvolvimento, processa paralelamente. Tem maior rapidez. Faz cálculos em vários pontos ao mesmo tempo, com a velocidade da luz. A diferença está basicamente na luz. Os convencionais se utilizam de eletricidade (ou de elétrons). A óptica, de fótons — ou da luz.

O princípio do chip óptico segue caminho semelhante ao que as telecomunicações fizeram quando substituíram os fios metálicos pela fibra óptica. Ou uma troca simples de elétrons por fótons. Para se ter uma idéia do que isso representa em termos de velocidade, basta dizer que enquanto o computador convencional tem uma ordem de grandeza de 10^8 bytes por segundo, o óptico pode chegar a 10^{13}.

A vantagem do feixe luminoso está no fato de que ele pode se interar, devido às freqüências elevadas em que atua. É assim que se torna possível uma informação ser processada paralelamente. Com ganhos: o chip desenvolvido na Unicamp processa pelo menos 36 informações simultaneamente, ao tempo em que o sistema convencional processa apenas uma de cada vez. Com essas características, são possíveis novas arquiteturas, com um grande número de interconexões entre os elementos, como nas redes neurais.

César, Norian e Vitor: elétrons por fótons.

Dois chips

Para que o chip óptico possa vir a substituir os atuais, alguns detalhamentos tiveram de ser seguidos. Um deles foi a necessidade de construir dois modelos de chip, cada um com uma função diferente. O primeiro chip processa as informações graças ao paralelismo obtido com fótons. O outro funciona como interface de saída das informações processadas pelo primeiro, tornando-as inteligíveis aos computadores convencionais. Os dois chips foram projetados pelo mestrando César Ramos Rodrigues ao longo dos dois últimos anos, sob a coordenação de Baranauskas.

A pesquisa

Baranauskas e César desenvolveram o projeto dentro do Programa Multiusuário (PMU)), financiado por empresas do setor da informática (SID, Itaú, Elebra). O objetivo dessas empresas é obter a tecnologia MOS, ou computação ativa, ainda desconhecida no país.

O gerenciamento do projeto ficou por conta do Centro de Tecnologia para a Informática (CTI). A primeira fase constou de um projeto técnico de cada chip, onde outros dois pesquisadores da Unicamp colaboraram: o professor Fúrio Damiani, da FEE, e o pós-graduando Norian Marrenguello, da mesma faculdade.

Sem condição técnica de fazer aqui os protótipos dos dois chips, a pesquisa teve essa fase realizada em dois diferentes locais. O Chip 1 (MOS) foi enviado para a empresa Mitel, no Canadá. O chip 2, de interface, foi feito pela SID Informática, a única em condição de produzi-lo no país.

Testes práticos

De posse desses chips, os pesquisadores da Unicamp estão partindo para os testes práticos, adaptando-os em computadores convencionais. O computador totalmente óptico é assunto para mais adiante.

Baranauskas diz que o projeto do chip óptico é bastante simples e não surpreende que tenha nascido num laboratório de onde já saíram a fibra óptica, componentes digitais para comunicações e vários outros chips. "O investimento é bem menor do que o industrial", frisa. Os dois chips produzidos em protótipo estão custando entre 50 e 100 mil dólares.

A computação óptica pode usar modelos diferentes para seus protótipos. Digitais, análogos e tratamento de imagens são apenas alguns deles. O uso dos chips, contudo, varia de acordo com o interesse e a aplicabilidade. Comercialmente, eles serão difundidos muito em breve. A indústria a cada dia reclama avanços como esse. Mas a coisa não pára aí: o setor militar também vê com olhos gordos essas inovações.

César diz que a União Soviética tem grande interesse na área e vem aplicando muito dinheiro em pesquisas com computação óptica. Seu interesse principal parece ser o direcionamento de mísseis. Como o chip óptico é imbatível no reconhecimento de imagens, imagine-se um projétil equipado com um deles: nada escapa. **(R.C.)**

Nova Biblioteca é en

Antes mesmo de rompida a fita inaugural, a crescente peregrinação em direção à Biblioteca Central indicava duas coisas: uma, que a paisagem do campus tinha ficado mais convidativa graças às linhas sóbrias do novo edifício; outra, que o fluxo da vida acadêmica, ao menos no que toca aos estudantes, havia se deslocado em boa parte para o lado oeste do balão central.

Os números expressam isso: ao longo do mês de junho, quando a nova Biblioteca funcionou experimentalmente, cerca de 1200 pessoas subiram diariamente suas escadarias em direção aos acervos e salas de leitura. Essa média era de 110 usuários na antiga e modesta Biblioteca Central. Seus salões acarpetados e seus amplos e confortáveis corredores explicam em parte essa procura, mas pesou também o fato de que, desde então, suas portas estão abertas das 8 às 22 horas — uma extensão de seis horas suplementares no horário de atendimento.

Mas a principal verdade que transparece dessa esperada inauguração é uma só: a Unicamp tem, finalmente, um sistema de bibliotecas à altura de sua demanda acadêmica, científica e cultural. Esse sistema, que reúne 21 bibliotecas setoriais sob a coordenação da Central, reúne hoje cerca de 250 mil livros e tende, a partir de agora, a expandir-se em quantidade e qualidade. Quantitativamente, não é muito — a Universidade de São Paulo, cujo acervo vem se formando desde 1934, conta com 1,5 milhão de livros; a Universidade de Brasília possui 500 mil volumes. Mas não se pode esquecer que a Unicamp, criada há apenas 22 anos, vem destinando cerca de 3% de seu orçamento para a compra de livros e periódicos, percentual próximo do padrão recomendado pela Unesco.

Historicamente, o projeto da construção de uma biblioteca de grande porte no campus da Unicamp remonta ao plano-diretor da Universidade e, mais remotamente, ao relatório final da comissão organizadora — presidida pelo ex-reitor Zeferino Vaz — apresentado ao Conselho Estadual de Educação em 1965. Zeferino tinha dela uma visao quase mítica. "Terá destaque", diz o relatório, "e ocupará a área perimetral de mais significação". Para ele (o edifício), como símbolo e depositário da sabedoria, hão de estar voltados subalternamente todos os demais edifícios. Será belo, majestoso e digno".

Cláudio Mafra, o arquiteto mineiro que a projetou em 1984, levou em conta a visão de Zeferino Vaz. Especialista em construção de bibliotecas, Mafra é o autor do imponente edifício que abriga hoje o acervo da Universidade Federal de Minas Gerais. Para a Unicamp, contudo, ele pensou em algo diferente, "adequado a uma universidade conhecida por estar na vanguarda da pesquisa e por representar uma posição mais arrojada em termos de administração e de relacionamentos internos". Ele idealizou uma biblioteca capaz de refletir isso, ou seja, "um edifício do aspecto sóbrio, imponente e leve" que fosse "um natural ponto de encontro" e onde "os espaços de estudos e debates pudessem ser valorizados". Seu objetivo: "criar uma atmosfera universitária mais próxima do ideal em relação à media das universidades brasileiras".

Segundo essa concepção, os 12 mil metros quadrados do edifício terminaram por constituir nuclearmente uma biblioteca e mais amplamente um centro cultural de razoáveis dimensões, com auditórios, áreas de exposição de arte, espaço de eventos, livraria e editora. Tudo para que pulse mais forte o coração do campus.

Com seus 12 mil m², a nova Biblioteca é a principal obra civil do reitor Paulo Renato.

Balcão de
e salão
freqüência au

Para reitor, BC nasce atualizada e moderna

A Biblioteca Central da Unicamp está longe de ser a maior do País. Mas é seguramente a que tem, no momento, o perfil mais moderno de organização e de prestação de serviços. Não se tratava positivamente de trabalhar na escala "mega": a própria filosofia biblioteconômica adotada — centralizar informações e descentralizar acervos — aponta desde 1986 para a valorização das setoriais e sua integração num sistema cujo bom funcionamento dependeria, entretanto, da existência de uma boa Central.

"Pois aí está ela", diz o reitor Paulo Renato Souza, para quem a nova Biblioteca é, sem hesitação, a obra civil mais importante levantada no campus ao longo dos três anos de sua administração. Ao assumir a Reitoria em abril de 1986, Paulo Renato encontrou deflagrado um processo de captação de recursos visando à sua construção. Aprovada a liberação desses recursos (para o que concorreu a solicitude do então presidente da Caixa Econômica Federal, Marcos Freire, que morreu logo em seguida), a obra começou imediatamente. "E já que, nessa área, era impossível não admitir que estávamos um tanto defasados", lembra o reitor, "a solução mais inteligente nos pareceu partir para um projeto que nos colocasse, de uma vez, no parâmetro internacional".

Para a professora Leila Mercadante, diretora da Biblioteca Central e, como tal, coordenadora do Sistema de Bibliotecas da Unicamp, esse parâmetro não seria alcançado com a simples construção do prédio. "Estou certa", garante ela, "que tão importante quanto construir o edifício foi a decisão política do reitor de descentralizar administrativamente nossos serviços". Leila exemplifica com a agilização dos processos de aquisição de novos títulos, que antes, para chegar a seu termo, exigia uma via-crucis burocrática que incluía a coleta de 30 assinaturas e uma malha de carimbos. Hoje, para que uma compra seja feita junto a um editor ou a um grande distribuidor, basta a assinatura do reitor ratificando o parecer da diretora.

Isso não quer dizer que a expansão do acervo resulte, aleatoriamente, de decisões de gabinete. São as unidades que definem suas próprias carências, comunicando-as ao Conselho de Bibliotecas — órgão colegiado integrado por docentes, bibliotecários e alunos de todos os institutos e faculdades —, que é quem, em última instância-determina os critérios de expansão bibliográfica. O Conselho leva em conta, naturalmente, a especificidade de cada unidade e o peso de sua demanda acadêmica, aí entrando fatores como o número de docentes em tempo integral, número de cursos e de alunos, bem como o movimento de consultas e de empréstimos. O Conselho é renovável a cada dois anos.

Essa agilização favoreceu de modo particular as aquisições de periódicos internacionais, ou seja, as publicações científicas e técnicas através das quais os pesquisadores se atualizam acerca do que se investiga lá fora. A Unicamp investe todo ano 1,5 milhão de dólares só na compra de periódicos e mantém cerca de cinco mil assinaturas regulares (comparativamente, basta dizer que a USP, quatro vezes maior, mantém seis mil assinaturas). E um detalhe importante: tal compra tem sido feita com orçamento próprio, ao contrário da prática da maioria das universidades brasileiras, que em geral dependem das agências de fomento.

A ativação da nova Biblioteca Central vem desafogar, em boa hora, as 19 setoriais localizadas no campus. A corrida às suas salas de estudo é explicável: as setoriais se prestam muito mais a atender às bibliotecas de pós-graduação e de pesquisa. Havia, portanto, uma demanda reprimida na graduação que encontra escape, agora, no edifício central. De acordo com esse raciocínio, também as setoriais deverão funcionar melhor a partir de agora.

Concluída a obra, rompida a fita de inauguração, pode-se talvez perguntar por que — tratando-se de projeto tão indispensável — a Unicamp demorou mais de duas décadas para ter uma biblioteca à altura de seu prestígio. Por que, se o próprio Zeferino já tinha sonhado com ela antes mesmo da construção do campus?

Para o reitor Paulo Renato, a simples idéia de uma "biblioteca central" acordava resistências naqueles que achavam que um edifício com tal nome só poderia funcionar como um sorvedouro de acervos, deixando as unidades ao desabrigo. De fato, algumas universidades brasileiras haviam preferido o caminho da "central única", com não poucos problemas. Mas à Unicamp, instituição constituída de unidades com dinâmica própria, cabia encontrar uma solução própria, que preservasse a autonomia dos acervos setoriais e ao mesmo tempo lhes desse unidade filosófica. "Creio que foi o que aconteceu", conclui Leila.

Leila: "Não apenas uma biblioteca, mas um centro cultural."

A filosofia da BC não é a de centralizar acervos, mas sim informações.

...tregue à comunidade

...atendimento ...e leitura: a ...enta a cada dia.

Já nos primeiros dias de funcionamento, uma freqüência diária de mais de mil usuários.

Sistema concentra hoje mais de 250 mil títulos

O Sistema de Bibliotecas da Unicamp, formado por 21 bibliotecas seccionais (19 universitárias e duas de colégios técnicos), além da Biblioteca Central, reúne um acervo global de 250 mil livros, 6.500 periódicos, 11.528 teses e cerca de 20 mil títulos de coleções especiais.

Com essa gama de informações de diferentes áreas do conhecimento, verificou-se no ano de 1988 um movimento de empréstimo e consulta dos usuários superior a 69 mil pedidos. O movimento de empréstimo de livros, num total de 308.352 retiradas, foi praticamente igual ao de consultas, que totalizou 382.715 pedidos. As teses foram também muito procuradas: 3.887 consultas e empréstimos.

O acervo global das bibliotecas da Unicamp é composto de uma variedade de temas com atualização permanente para atender à demanda de seus usuários: alunos de graduação e pós, docentes, pesquisadores e funcionários. No amplo leque dos 250 mil títulos distribuídos pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade, o maior volume de livros — cerca de 100 mil —, está concentrado na área de Ciências Humanas, seguido da de Exatas e Tecnológicas e da de Biomédicas. Com relação ao número de periódicos, no entanto, a maior concentração de títulos está no Instituto de Biologia, que assina 850 deles.

O volume, a importância e a atualização dos títulos de periódicos assinados pela instituição faz com que sejam freqüentes as consultas a esse serviço, quer a nível local (200 pedidos de cópias de artigos por mês) quer a nível nacional (mil pedidos/mês).

O prédio da Biblioteca Central abriga uma biblioteca circulante que atende principalmente aos alunos de graduação do ciclo básico. Essa biblioteca é também a mais ativa em termos de empréstimo e consultas. Segundo a bibliotecária Maria Isabel Santoro, diretora de Serviço ao Público, há uma tendência natural de concentrar na Biblioteca Central as bibliotecas dos alunos de graduação. Assim, as bibliotecas setoriais das faculdades e institutos, mais especializadas, atenderiam principalmente aos alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado) e aos pesquisadores.

Provisoriamente, o prédio novo da B.C. reunirá as Bibliotecas das Engenharias (Civil, Elétrica, Química e Mecânica). As coleções especiais também foram concentradas no edifício, que tem um serviço específico de catalogação e tratamento das obras raras e documentos.

As coleções especiais constituem hoje fonte de consulta não só interna mas de pesquisadores de todo o Brasil. Ao grande volume de livros — em geral muito bem escolhidos por seus colecionadores — soma-se precioso acervo de manuscritos e correspondências que têm ajudado a desvendar dia a dia a história brasileira, quer do ponto de vista sócio-econômico, quer do político.

Esses acervos especiais, num total de quase 20 mil volumes, abrigam as seguintes coleções: a do historiador Sérgio Buarque de Hollanda, constituída em sua maior parte por material bibliográfico nas áreas de História, Ciências Humanas, Literatura e Filosofia, a do jornalista, antropólogo e sociólogo Paulo Duarte, a do farmacêutico da família imperial de D. Pedro II, Theodore Peckolt, a do integralista e revolucionário de 1932, Eugênio de Toledo Artigas, a do médico Aristides Candido de Mello e Souza, pai do ensaísta Antonio Candido; a do historiador Peter Eisenberg, com obras concentradas em história social e econômica, e a coleção latino-americana, que reúne obras selecionadas sobre essa temática encontradas nas diferentes coleções da Universidade.

Das coleções especiais, cerca de dois mil títulos foram classificados como obras raras. São basicamente livros e documentos que abrangem os períodos do século XVI ao XX, com narrativas de viajantes europeus ao Brasil. Esses viajantes relatam a situação econômica e política nos períodos colonial e imperial, considerados fontes importantes para a pesquisa sobre a época. A Bibilioteca Central abriga ainda uma Seção de Biblioteconomia com coleções de biblioteconomia e documentação destinadas à educação continuada dos profissionais que atuam na área.

O acervo do Centro de Documentação de Música Contemporânea (CDMC), que reúne fitas cassetes, partituras e históricos das obras de compositores contemporâneos, a ser inaugurado no início de setembro, também faz parte do conjunto de acervos da B.C.

Veja aqui os principais serviços

A Central de Informações é o que o nome diz: o centro nervoso da nova Biblioteca. É o ponto de partida para o usuário do sistema. Através da Central os estudantes e pesquisadores poderão verificar onde estão localizados os livros, periódicos ou teses que precisam para seus trabalhos. É lá também que as pessoas poderão descobrir os serviços que já vinham sendo oferecidos pelo sistema e os novos introduzidos com os espaços oferecidos pelo novo prédio. São os seguintes os serviços da B.C.:

Bancos de dados — A Biblioteca Central tem contrato com bancos de dados brasileiros e internacionais para facilitar o levantamento bibliográfico de seus usuários. A nível internacional são basicamente dois os bancos de dados: o "Dialog", localizado na Califórnia, Estados Unidos, que dispõe de 360 bases em diferentes áreas do conhecimento, e o banco de dados alemão STN, sediado na cidade de Karlsruhe, com 80 bases de informações concentradas principalmente nas áreas de ciência e tecnologia. No âmbito nacional, os bancos de dados aos quais a B.C. tem acesso são o IBICT (Instituto Brasileiro de Informações de Ciência e Tecnologia), vinculado ao CNPq, com nove bases, o da Fundação Getúlio Vargas, Rede Bibliodata Calco (Catalogação Legível por Computador), o do CIN/CNEN (Centro de Informações Nucleares do Centro Nacional de Energia Nuclear), e o BIREME (que abrange a área médica).

Videoteca e Discoteca — Dentro da nova concepção e filosofia da Biblioteca Central de transformar-se num centro cultural dinâmico e não apenas em depositário de textos impressos, está sendo implantado um acervo de material audiovisual que será integrado por um serviço de discoteca e de videoteca. Para isso contará com oito cabines coletivas especiais e 12 bancadas individuais para vídeo, som e leituras de microformas.

Auditórios — O novo prédio da B.C. conta com dois auditórios, um de 120 lugares e outro de 32. Nesses auditórios passa a ser possível a realização de várias atividades culturais que poderão contar com o apoio de recursos audiovisuais.

Exposições — A amplitude dos espaços em diferentes pontos de circulação do prédio da B.C., incluindo o saguão de entrada, permitirá a realização de exposições culturais de artistas da Universidade e da comunidade em geral.

Outros — Os serviços de consulta local, empréstimo domiciliar, empréstimo entre bibliotecas, levantamento bibliográfico manual e automatizado, que já faziam parte do sistema de bibliotecas da Unicamp, serão agora facilitados pela nova infra-estrutura do prédio da B.C. Um serviço próprio de Reprografia que permitirá a confecção de cópias requisitadas pelos usuários do sistema integrará o conjunto dos serviços da Biblioteca Central. Os usuários contarão ainda com uma cantina interna, localizada no subsolo do prédio e com um terraço com vários bancos para leitura ao ar livre.

No subsolo, um auditório com 120 lugares.

Acesso a bancos de dados brasileiros e internacionais.

Entrevista: Edgar De Decca

A outra face da história

A historiografia oficial é a história dos vencedores: esta é uma verdade que, apesar de lugar-comum, permanece verdadeira. Quem conta a história dos oprimidos, dos pobres e dos que perderam? Desde há cinco anos (no Brasil) e há pelo menos 15 (na França, por exemplo) esta tem sido uma preocupação dos novos historiadores. Aqui, o Departamento de História da Unicamp talvez seja o que melhor representa essa corrente cujos temas não são a história geral da nação, mas a história particular da prostituição, do operariado, dos doentes e até das bruxas. São os chamados "novos objetos" da historiografia.

Um dos primeiros livros no Brasil a encarar a história pelo lado dos perdedores intitula-se "1930: o silêncio dos vencidos", editado em 1980. Seu autor: o prof. Edgar De Decca, da Unicamp. Num ano em que até a Revolução Francesa está sendo revista sob a ótica de alguns de seus personagens menores, torna-se importante saber a que vieram esses "novos objetos". É o que explica o prof. De Decca nesta entrevista.

Jornal da Unicamp — Professor De Decca, o surgimento dos novos objetos é realmente uma nova forma de se fazer história ou é apenas um capítulo da velha historiografia?

De Decca — Para se analisar a produção historiográfica, ou seja, a produção em história, é preciso levar em consideração problemas que escapam a questões de teoria e método. Essa produção está profundamente vinculada ao nosso universo político e cultural. No Brasil, em anos recentes, tivemos que enfrentar o peso de um regime político que numa certa medida cerceava a liberdade de opinião e de pensamento. Por outro lado, como as formas da cultura brasileira foram extremamente oficiais, por muito tempo a historiografia esteve presa às representações oficiais do passado. Assim, o historiador teve que enfrentar problemas que não eram relacionados à questão dos novos objetos e encontrou mecanismos de afirmação de uma historiografia acadêmica capaz de produzir trabalhos sérios e que marcaram época, em meio ao autoritarismo político vigente. Isso é o primeiro patamar para se poder estabelecer se houve um lugar para os novos objetos.

"Historiadores presos às representações oficiais do passado."

JU — Foi então a forma que a historiografia encontrou para escamotear a censura?

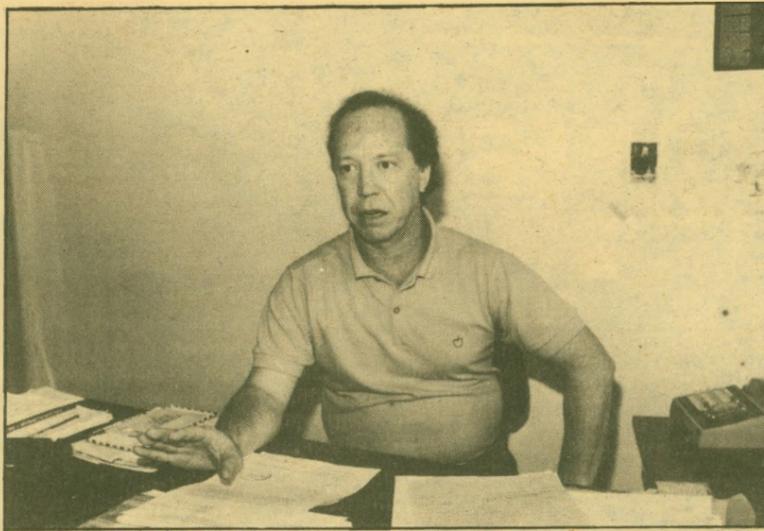
De Decca — Numa certa medida, sim. A historiografia teve que buscar uma linguagem muitas vezes profundamente metafórica e de difícil acesso ao leitor comum. Entre a metade dos anos 70 e 80, na área de ciências sociais, era muito comum o aparecimento de obras críticas e, ao mesmo tempo, cheias de códigos que só poderiam ser decodificados por especialistas.

JU — E que agora estão sendo vulgarizadas?

De Decca — Bem, como a sensibilidade da história hoje está extremamente vinculada à liberdade de pensamento, aquilo que era um código se tornou mais acessível para o grande público. Existe maior comunicação do produto intelectual, científico, à espera de um público maior.

JU — O sr. acha, então, que o registro da linguagem na historiografia baixou necessariamente ao nível do leitor comum?

De Decca — Não é que baixou: modificou-se. Por exemplo, nos anos 70, quando saía um disco do Chico Buarque de Hollanda, era preciso ser um ouvinte especializado para decodificar os signos ali presentes e que indicavam a crítica às relações políticas e culturais vigentes. E acabou sendo um produto importante para desestabilizar esse universo da censura. Um outro exemplo: os estudos sobre a classe operária na Europa e nos Estados Unidos datam de muito tempo e, no entanto, para a historiografia brasileira, foi nos anos 70 que apareceram os primeiros estudos mostrando a presença da luta dos trabalhadores no interior da nossa sociedade.

JU — A partir daí é que os novos objetos começaram a surgir?

De Decca: "A história abandona as cortes para abarcar a vida das pessoas comuns."

De Decca — Antigos novos objetos, porque já existiam nas historiografias inglesa, americana, italiana ou francesa. E aqui, na Unicamp, abrigamos o Arquivo Edgard Leuenroth, que foi o primeiro núcleo organizado da memória operária, em termos de universidade brasileira. Ele chegou, inclusive, em um período difícil, 1974.

JU — Foi o embrião, no caso, desse novo objeto que é a história da luta operária.

De Decca — Com certeza, e a Unicamp começou a se destacar na área das humanidades, ganhando considerável projeção acadêmica. Esta instituição reuniu condições políticas para abrigar um acervo que era visto com muita suspeita pelos órgãos de segurança.

JU — Quantos trabalhos já surgiram a partir do Arquivo Edgard Leuenroth?

De Decca — Dezenas, porque o AEL se tornou um eixo, um elo de comunicação da área de ciências humanas para o intercâmbio com outros centros universitários. Ele acabou virando um centro de irradiação sobre os estudos da classe operária que eram novos para nós.

JU — O estudo do comportamento e dos movimentos sociais operários são um objeto novo, mas já clássico. Existem novos objetos que são mais pitorescos, mais específicos, como o da prostituição, da lepra, a história das doenças. E que outros objetos estão surgindo ou surgiram nos últimos anos?

"A crise do marxismo trouxe a renovação historiográfica."

De Decca — Os ventos da renovação historiográfica internacional, pelo menos nos últimos 20 ou 30 anos, chegaram ao Brasil um pouco tardiamente, assim como os estudos relativos à classe operária. No que diz respeito à inovação no terreno da historiografia, há que se analisar que há uma crise no campo das humanidades, e que isso se relaciona a uma certa ortodoxia quanto ao informe dos objetos do historiador. Essa ortodoxia, principalmente a de inspiração marxista, pesou sobre a historiografia e a atual crise do marxismo também tem proporcionado uma renovação historiográfica. Enfim, o marxismo estava comprometido com sua própria ortodoxia e foi também através da história que seus estudos foram renovados.

JU — Quando ocorreu esse período da historiografia com tonalidades marxistas?

De Decca — Entre os anos 50 e 60. Nos anos 60 houve uma renovação nos estudos do marxismo; nos anos 70 uma crise evidente; e, num período mais recente, a sua recuperação enquanto teoria crítica.

JU — O sr. acha que a Perestroika e a Glasnost devem à historiografia crítica do Ocidente?

De Decca — É evidente que existem elos desses ventos que acabaram soprando do Ocidente para o mundo socialista. Em fevereiro deste ano, estive em Amsterdã, numa conferência internacional do movimento operário e pude observar que, ao lado dos historiadores americanos, brasileiros, italianos, franceses, havia alguns historiadores do bloco socialista. Há alguns anos seria impensável. Nesse sentido, nota-se que existe, de fato, uma rede mais subterrânea que a notícia da imprensa ou o grande acontecimento acaba escondendo a densidade desse fenômeno que é a abertura dos países do bloco socialista. Mas são redes invisíveis.

JU — História das doenças, da bruxaria, da prostituição. Seriam recortes ilustrativos de uma história mais geral ou é a própria história da sociedade contada a partir de pontos de vista que mais tarde se resumiriam para compor uma nova história geral? Nesse caso, como se daria a construção dessa história geral, já que ela por enquanto são apenas fragmentos?

De Decca — Isso é muito complicado e talvez seja o grande problema do ponto de vista da renovação historiográfica: uma determinada permanência da matriz histórica que pressupõe a própria história como um caminho inexorável da humanidade em direção ao progresso. Ou seja, a história poderia ser contada a partir de uma determinada perspectiva porque tinha uma finalidade em si própria. Acho que a crise nos planos da filosofia e da história aponta essa fragmentação. Uma história geral é difícil de ser constituída hoje em dia porque é preciso encontrar um ponto de referência capaz de dar uma nova unidade ao todo fragmentado. Então, na medida em que se reivindica para os sujeitos históricos uma capacidade de autodeterminação e auto-referência enquanto sujeitos da própria história, na verdade desmonta-se aquele edifício que durante dezenas de anos foi construído como parâmetro de referência histórica.

"A história atual já não pode ser contada a partir da Europa."

JU — O que poderia ilustrar isso?

De Decca — A questão do eurocentrismo ilustra essa idéia: uma história contada a partir do ponto de vista do Ocidente, cujo centro é a Europa, acabou se desfazendo com a Europa se vendo diante da sua própria crise de identidade com a perda das colônias. Então, o eixo da política internacional ou do mundo deixou de ser a Europa para ser, a partir da guerra fria, os Estados Unidos e a União Soviética. A história contada com uma forte dose de preconceito eurocêntrico se desfaz e há muitos anos o historiador Geoffrey Barraclough já dizia que a história contemporânea, desde a Segunda Guerra Mundial, não poderia mais ser contada a partir da Europa como centro, já que a correlação de forças internacionais passou a ser de outra natureza e a representação das grandes potências do mundo capitalista e socialista eram os Estados Unidos e a União Soviética. São vários processos históricos que acabam desfazendo uma certa concepção linear e progressista da história.

JU — Quer dizer: muda não só o objeto mas também a perspectiva dos fatos e sua abordagem. Você acha que falta no Brasil uma história de cotidiano, como na França, ou seja, uma história do cotidiano das pessoas comuns?

De Decca — A história do cotidiano na França foi uma reação à uma história factual que só revelava como elemento importante as grandes datas, acontecimentos e as grandes personagens do mundo político. Era uma reação contra a história política das guerras, batalhas, dos heróis, extremamente marcada pela historiografia do século XIX. Na França essa história nasce para contar o cotidiano da vida das classes altas, que é quem vai consumi-la. Quem sentiria prazer de, na época em que foi lançada essa coleção, ler a história dos operários e trabalhadores parisienses vivendo em pleno século XVIII? Ninguém.

JU — Mas ficou nisso a história do cotidiano?

De Decca — Na verdade a história é indissoluvelmente ligada aos movimentos da cultura e da política de cada sociedade. Por volta dos anos 60 houve uma agitação política e cultural no mundo europeu, principalmente na França, em que se verificava a renovação histórica no campo dos estudos dos setores mais pobres da população, segmentos sociais que nunca tiveram direito a se inscrever na historiografia francesa. A história do cotidiano abandonou as partes para abarcar também a vida das pessoas comuns. A história da vida cotidiana até hoje pretende ser um produto de fruição: trazer o cidadão, o consumidor de cultura, a um mercado de livros que torna a história um objeto interessante de se consumir. E pode-se escrever belíssimas histórias do cotidiano sem um grande arsenal teórico metodológico.

JU — Belíssima histórias que se aproximam, por exemplo, da ficção?

De Decca — No Brasil há uma tendência de tentar aproximar a história da vida cotidiana à literatura. Acho que a obra literária tem um nível de elaboração cuja complexidade às vezes passa despercebida do leitor comum, mas que requer investimento enquanto produção. E a crítica literária é capaz de distinguir um bom produto de um mau produto literário. Vou citar um exemplo na área da história: para se ter a possibilidade de penetrar no universo historiográfico de um Carlo Guinzburg é preciso uma especialização e uma qualificação profissional muito grandes. Então, é possível se ter "O Queijo e os Vermes", que é um sucesso editorial e ao mesmo tempo um livro extremamente complexo.

"A Revolução de 30 foi contada segundo a memória dos vencedores."

JU — Diz-se que a historiografia brasileira é mal feita, oficialesca e não raro mentirosa. O sr. concorda com isso?

De Decca — Sim, com certeza. Após um exercício crítico ao longo de pelo menos 30 anos, hoje pode-se dizer que há uma tendência de se quebrar com o oficialismo historiográfico. Não significa que esse tenha sido quebrado pelas novas gerações de historiadores, mas criaram-se centros de pesquisa, como na Unicamp e em outras universidades do país, com possibilidade de se reconstituir o passado, de se refazer o tecido histórico produzindo novos objetos, que são a obra do historiador.

JU — Daria para exemplificar algumas histórias mal contadas?

De Decca — No livro "O silêncio dos vencidos", tentei mostrar como a historiografia brasileira construiu toda uma interpretação da revolução de 30 presa à memória oficial, tanto a historiografia de direita como a de esquerda. Numa perspectiva crítica mostrei como se faz surgir um novo tecido de relações históricas fora da trama da memória dos vencedores. Porém, não se pode afirmar que a revolução de 30 foi mal contada: foi muito bem contada, só que presa às próprias representações da memória dos vencedores.

JU — Ainda se faz história oficial em larga escala no Brasil?

De Decca — No Brasil a historiografia e o seu progresso dos anos recentes estão muito marcados pelo desenvolvimento dos estudos universitários. Por isso, acho que o importante não são os novos objetos, mas as novas posturas nos campos teórico e metodológico. Os resultados brutos do conhecimento têm hoje uma maturidade muito maior e seria difícil encontrar nos centros universitários brasileiros uma resistência aos ventos de uma tal renovação teórica e metodológica. **(E.G. e C.P.)**.

Graduação parte em busca da reforma

Objetivo não é só avaliar, mas também valorizar o trabalho docente.

Professores, alunos e especialistas debateram na Unicamp os novos rumos da graduação.

O ensino de graduação nas universidades brasileiras deve estar voltado para uma formação humanística ou profissional? Qual a dosagem ideal? Ensino e pesquisa se completam ou competem entre si? Como avaliar o desempenho do aluno? Questões como essas permearam as discussões de professores, alunos e especialistas em Educação durante o I Seminário sobre Ensino de Graduação realizado na Unicamp de 30 de maio a 1º de junho último.

Os problemas levantados durante o Seminário servirão como ponto de partida para as análises específicas, por área, que se desenvolverão nas unidades até o mês de agosto próximo. Em seguida, a Pró-Reitoria de Graduação da Unicamp, promotora do evento, distribuirá um questionário à comunidade para uma avaliação mais detalhada dos problemas localizados no ensino da graduação visando à sua reformulação. O diagnóstico final do setor, consubstanciado em críticas e sugestões, servirá para uma reestruturação geral da graduação na Universidade.

Na esteira da autonomia

Com a autonomia universitária prevista pela nova Constituição será possível agora elaborar currículos mais flexíveis, dando a cada Universidade um perfil próprio a seus cursos. Essa pelo menos é a expectativa do pró-reitor de Graduação da Unicamp, professor Antonio Mário Sette. Sua única preocupação com relação à autonomia acadêmica diz respeito à reformulação, em curso, da nova Lei de Diretrizes e Bases, cuja tendência atual ele considera restritiva, podendo colocar em risco a autonomia prevista pela Constituição.

Na verdade, segundo Sette, é necessário que se defina uma política nacional para o ensino de graduação, como aliás já foi feito com os cursos de pós-graduação. A definição de uma política consistente para o ensino superior, onde os cursos sejam considerados projetos a serem avaliados regularmente, a exemplo do que também já é feito com a pós, se realizada, deverá modificar o perfil do setor, na opinião do pró-reitor.

O sistema de créditos implantado no final dos anos 60 precisa ser repensado, na opinião dos especialistas presentes no seminário. Isto porque, de acordo com o professor Sette, o sistema seriado que o antecedeu tinha vantagens inegáveis. Entre elas a existência de turmas, o que permitia uma visão geral do conjunto do curso e reduzia a evasão. Uma carga horária mais concentrada, abrindo espaço para outras atividades culturais no âmbito da própria universidade, também faz parte das propostas de reformulação da área.

Por outro lado o sistema de créditos vigente, que permite a flexibilidade curricular, traz outras vantagens. Acredita-se que o ideal seria um sistema misto, a ser adotado autonomamente, de acordo com as peculiaridades de cada curso ou universidade. Essa experiência, no entanto, só será possível com uma Lei de Diretrizes e Bases também flexível, que respeite a autonomia.

O que mudar?

Além de uma reforma curricular ampla — com a introdução de mecanismos ágeis no ensino superior— que permita a adequação dos programas às necessidades do ensino superior, a carga horária dos estudantes foi considerada muito "pesada". Essa situação é atribuída às exigências de um currículo mínimo determinado pelo Ministério da Educação — que nem sempre atende à realidade da área —, obrigando as universidades a incluírem disciplinas.

A valorização do trabalho docente no ensino de graduação, à semelhança mais uma vez da pós-graduação — que é tomada como modelo —, foi apontada como imprescindível para uma dedicação mais ampla ao setor. Quanto à formação humanística ou profissional, o empresário Vivaldo Russo, da Clark, que participou do seminário, acha que a formação universitária deve ser generalista, cabendo às empresas, num sistema de estágio regular, adequar o profissional que sai dos bancos das universidades às suas demandas. A capacidade de uma visão global da área para uma melhor inserção no mercado de trabalho foi considerada essencial pelo empresário.

Para o educador Demerval Saviani, professor da Faculdade de Educação da Unicamp, um dos problemas centrais do ensino de graduação repousa na relação entre o ensino e a pesquisa. Essa relação, segundo ele, envolve o modo como se concebe o significado da graduação e como ele é organizado. Saviani observou que, apesar da legislação apregoar a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, a organização vigente do ensino superior no país, com suas faculdades isoladas, favorece, na prática, a desarticulação dessas duas áreas.

O educador acha que não se deve subordinar o ensino à pesquisa mas utilizá-la como parte de um processo de aquisição do conhecimento. Em sua reflexão sobre a graduação, Saviani lembrou que a universidade não deve se esquecer de que não forma apenas pesquisadores, mas também professores.

O representante do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Sócio-Econômicos), Francisco Salles Gonçalves, defendeu a formação de recursos humanos para os órgãos governamentais, sindicatos, e não apenas para as empresas privadas. Segundo ele, esses campos de trabalho vêm se ampliando sem que exista uma formação de quadros satisfatória.

Os grupos de trabalho

Reunidos em grupos de trabalho, professores e alunos da Unicamp elogiaram a iniciativa da Universidade e cobraram de seus colegas a participação reduzida no evento, observando que essa é a hora de uma atuação direta e maciça para a melhoria do ensino de graduação na instituição. De uma maneira geral, os grupos consideraram necessária uma definição preliminar da Universidade sobre os objetivos dos cursos para então montar seus currículos. Foram unânimes em apontar a importância da valorização da docência, inclusive como forma de ascensão na carreira, em lugar de privilegiar apenas a pesquisa. Consideram difícil qualificar conceitualmente uma boa aula ou um bom professor. Reconheceram, porém, que o regime de tempo integral para o docente termina por facilitar a dedicação ao ensino.

Com relação à avaliação de desempenho do aluno, alguns grupos concluíram que "as provas devem valorizar o raciocínio ao invés da memória e que o professor deve saber como e quando avaliar, para evitar que o aluno chegue ao final do curso sem ter chances de melhorar seu próprio desempenho". Esses grupos acham também que o aluno deve ser avaliado pelo que aprendeu e não pelo que deixou de aprender.

Melhorar o desempenho da graduação através da pesquisa é um dos objetivos da atual administração. Para isso, já destinou uma verba de NCz$ 1 milhão do orçamento deste ano para a recuperação dos laboratórios de ensino. É a primeira vez que isso ocorre e demonstra a determinação da instituição em investir no setor. Embora esses recursos representem apenas 20% das necessidades reais, existe a partir de agora uma política de investimento continuado na graduação para que ela seja colocada no mesmo "status" conquistado pela pós-graduação.

A compra de uma bateria para o ensino de música, osciloscópios, livros, máquinas de escrever ou até mesmo material de reposição indispensável nos experimentos laboratoriais está sendo feita com a verba de graduação liberada pela Universidade, mas a graduação contará ainda com recursos extra-orçamentários mais globais, já solicitados pela instituição. (G.C.)

DE OUTROS CAMPI

Arqueologia — O desmatamento no Brasil Central pode destruir em uma década um riquíssimo acervo arqueológico, especialmente pinturas e baixos-relevos cada vez mais expostos à ação do tempo. Esse alerta é feito pela professora Irmhild Wust, que participa do "Projeto Bororó", desenvolvido desde 1982 pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade Federal de Goiás (UFG), para investigar aspectos históricos dos povos pré-coloniais do Brasil Central.

Crianças da Amazônia — A Universidade Federal do Pará realizou no período de 26 a 30 de junho, em Belém, o seminário internacional "As crianças da Amazônia". O evento propôs-se a analisar a situação dos menores (indígenas ou não) daquela região, com ênfase nos aspectos da sobrevivência, saúde, nutrição, cultura, educação, família, violência, ecologia e narcotráfico. A partir dos problemas identificados, foram apresentadas alternativas de solução. Além de docentes, pesquisadores e alunos das instituições que integram a Associação das Universidades Amazônicas (Unamaz) — da qual fazem parte Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela — participaram lideranças indígenas e representantes de movimentos alternativos que trabalham com crianças da região Amazônica.

Meio ambiente no Cena — O Centro de Energia Nuclear na Agricultura, Cena, da Universidade de São Paulo — campus de Piracicaba —, está programando para dezembro a III Semana do Meio Ambiente. Vai ser de 3 a 8 de dezembro, sob o tema geral "Conservação e melhoramento dos ecossistemas brasileiros". A abertura da Semana, no dia 3/12, tem como convidado o senador Roberto Campos, que falará sobre "A Amazônia no contexto mundial". Pesquisadores da área podem enviar trabalhos para exposição na III Semana do Meio Ambiente. Maiores detalhes pela caixa postal 96, em Piracicaba, ou pelo telefone (0194)335122.

Larvas de camarões na Unesp — O laboratório do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociência, da Unesp de Rio Claro, produziu 6 500 pós-larvas de camarão gigante da malásia. É a primeira tentativa de reprodução em laboratório de matrizes provenientes do setor de carcinicultura, do campus de Jaboticabal (também da Unesp). O projeto, coordenado em Rio Claro pelo prof. Nilton Hebling, visa à implantação da criação comercial de camarões em propriedades agrícolas.

Cigarro pesquisado na USP — De acordo com o prof. Carlos Augusto Pasqualucci, do laboratório de poluição atmosférica experimental da Universidade de São Paulo, o cigarro ainda é o maior poluente do organismo humano. Sua fumaça pode conter de 2,7 a 6% de CO (monóxido de carbono) que, diluídos, levarão aos alvéolos pulmonares cerca de 400 ppm (partes por milhão) de CO. O monóxido de carbono representa grande perigo à saúde, destacando-se os tecidos sensíveis à falta de oxigênio e o músculo cardíaco.

UCS: habilitação em letras — A Universidade de Caxias do Sul passa a contar, a partir do próximo ano, com uma nova habilitação em letras: em língua e literatura italiana. O novo curso faz parte de um acordo com a Universidade de Pádua, resultando na vinda ao Brasil da professora Sandra Bagno, para esse fim. Sandra já está no Brasil e há pouco desenvolveu na USP o projeto "A contribuição da imigração italiana à modernidade brasileira".

Vice-reitores assumem — Duas universidades tiveram mudanças em suas vice-reitorias. Na Universidade Estadual Paulista, Unesp, assumiu o cargo o prof. Arthur Roquete de Macedo, que ocupava a diretoria da Faculdade de Medicina, campus de Botucatu. Na Universidade Federal da Paraíba (UFPb) o cargo passou ao prof. Sebastião Guimarães Vieira.

Civil em Passo Fundo — A Universidade de Passo Fundo (UPF) tem, a partir do primeiro semestre de 89, o seu curso de engenharia civil. O coordenador é o prof. Delson Concato Boscarim.

"Uma lição dura demais": espetáculo com fins bem definidos.

O público da Rhodia: o hábito sacudido pelo inusitado.

O teatro a serviço da prevenção de acidentes

Grupos da Unicamp inovam e quebram rotina de uma campanha fabril.

A Rhodia S/A, de Paulínia, e a Unicamp, através do Centro de Produções do Instituto de Artes (IA), assinaram um convênio pelo qual o teatro pode se tornar um meio de comunicação comum nas empresas para conscientizar funcionários e suas famílias sobre a prevenção de acidentes, seja no local de trabalho ou no lar. "Vivendo e aprendendo", dirigida ao público infantil, e "Uma lição dura demais", para adultos, foram as peças elaboradas pelo Departamento de Artes Cênicas do IA especialmente para a XII Semana Interna de Prevenção de Acidentes (Sipat) da Rhodia, realizada em abril na própria empresa. O projeto, que envolve grupos teatrais e as comissões internas de prevenção de acidentes, começa a despertar o interesse da comunidade empresarial da região, segundo o coordenador do Centro de Produções, José Eduardo Ribeiro de Paiva.

Ele explica que o Centro de Produções é uma área de prestação de serviços destinada a atender as necessidades da comunidade em geral. Através dele realizam-se vários eventos como produções de discos, catálogos, publicações, produção de textos teatrais, espetáculos de dança, concertos e recitais dos mais diversos. Essas atividades envolvem os cinco departamentos do IA: Artes Plásticas, Teatro, Dança, Música e Multimeios. No caso do contrato com a Rhodia S/A, a elaboração dos espetáculos foi inserida como uma das reestruturações da programação da semana de prevenção de acidentes.

Os textos foram produzidos por Neyde Veneziano, os figurinos e cenários elaborados por Heloiza Cardoso Vilaboin de Carvalho. A direção da peça infantil foi de Paulo Vieira e da de adultos de Waterloo Gregório—todos professores do Departamento de Artes Cênicas do IA. Do elenco fizeram parte 17 alunos do Instituto. De acordo com Paiva, as apresentações agradaram as famílias e os 2.575 funcionários da empresa—que produz matéria-prima destinada a diversas indústrias químicas do País.

Para a montagem dos espetáculos a Rhodia forneceu todo o material necessário, inclusive as informações sobre técnicas de prevenção de acidentes. A peça infantil "Vivendo e aprendendo" mostrou que numa festa de bichinhos tudo acontecia errado porque os personagens eram vítimas dos acidentes mais corriqueiros que ocorrem em casa: choque elétrico, tombos ou queimaduras. Já a peça "Uma lição dura demais" retratou a história de um trabalhador negligente com as normas de segurança e que depois de se acidentar vai para uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), provocando muitos transtornos para sua família, relata Paiva.

O sociólogo e ator Marcos Kaloy, da equipe do Centro de Produções, considera que "esse projeto é a ponta de lança para futuras apresentações, que sempre acontecerão paralelamente às demais atividades do Instituto de Artes da Unicamp. Para isso, entramos em contato com o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) e a proposta foi encaminhada para sua comissão de estudo e segurança do trabalho. Isso porque o Ciesp mantém contatos com várias empresas da região, e é exigido por lei que todos os trabalhadores sejam esclarecidos sobre as normas de segurança através de atividades desenvolvidas durante uma semana, anualmente", esclarece Kaloy.

Balão de ensaio

Desta forma, observa ele, além das atividades pedagógicas até então desenvolvidas nessas semanas internas de prevenção de acidentes, as comissões organizadoras das indústrias passam a contar agora com a área cultural, "um novo elemento de integração entre as empresas e a Universidade, capaz de abrir espaços para outras atividades até então restritas ao meio acadêmico". Na opinião de Paiva, "a receptividade por parte do Ciesp para nosso projeto tem sido muito boa porque as empresas não tinham acordado ainda para esse tipo de trabalho; na verdade, é um outro meio de comunicação que pode ser desenvolvido com a arte, e que melhor atinge os objetivos das comissões internas de prevenção de acidentes".

O processo de abertura do IA não pára por aí, afirma Kaloy. Uma das atividades programadas para este ano é a I Mostra Internacional de Teatro, a ser realizada em Campinas no início de julho, com duração de um mês. "Traremos oito grupos de teatro que se apresentarão em junho, em Londrina (Paraná), no 2º Festival Latino-Americano de Teatro, organizado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Para isso, estamos contando com a promoção das secretarias de Cultura de Campinas, do Estado e da cidade de São Paulo, além da Fundação Nacional de Artes Cênicas, ligada ao Ministério da Cultura. O evento acontecerá nos teatros municipais da cidade e haverá um workshop dos professores da Unicamp", conta o ator e sociólogo.

O Centro de Produções denomina esse projeto de "balão de ensaio" para que seja realizado em 1990 em Campinas o 1º Festival Internacional de Teatro. "Será um grande acontecimento, pois o último foi em 1981 e Campinas oferece melhor infra-estrutura do que as cidades de grande porte, facilitando o intercâmbio de informações dos grupos entre si e os espectadores", avalia Kaloy. A realização de festivais internacionais de artes cênicas tem projetado, ao longo dos anos, cidades médias e pequenas como Manizales (Colômbia), Córdoba (Argentina), Cádiz (Espanha) e Nancy (França).

Tecnologia e arte

Até que ponto a tecnologia pode favorecer o desenvolvimento de um artista? Essa questão será discutida em outubro, na Unicamp, no I Encontro Nacional de Tecnologia para as Artes, também organizado pelo Centro de Produções do IA. Segundo Kaloy, pesquisadores, representantes de empresas e artistas discutirão como melhorar a tecnologia para o aprimoramento da arte no Brasil. "Isso envolve de 'A' a 'Z' tudo o que diz respeito à nossa área, já que todo o material para a criação e apresentação é importado: gelatinas e spots que dão efeitos no palco, pigmentos de tintas e até sapatilhas para dança".

De acordo com Kaloy, essas atividades previstas para o decorrer do ano possibilitam ao IA dar um salto, não apenas pela evolução do que já foi feito até agora pelos vários departamentos mas também porque "a nível das instituições culturais está é a primeira vez que temos em secretarias de cultura intelectuais da área: Marilena Chauí, Fernando Moraes e Marco Aurélio Garcia. **(C.P.)**

Unicamp vai ouvir seus ex-alunos

Ela quer saber se o que aprenderam aqui teve utilidade lá fora.

A vivência universitária adquirida ao longo de pelo menos quatro anos nos cursos de graduação é uma experiência única. Deixar o campus universitário para ingressar no mercado de trabalho representa, sem dúvida alguma, uma mudança radical. A forma como se dá a inserção desses profissionais no setor produtivo representa um fator determinante para seu desempenho. De que maneira, porém, a Unicamp contribui para a integração desses profissionais na sociedade? Foram as disciplinas oferecidas nos cursos adequadas ao papel que esse profissional veio a preencher no mercado de trabalho? Sua formação cultural geral possibilitou uma adaptação no diversificado leque de empregos possíveis dentro de uma mesma carreira? Questões como essas serão debatidas no "Encontro de Ex-Alunos da Unicamp" que a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade promoverá no Centro de Convenções, no dia 31 de agosto próximo.

Criar o hábito de um encontro anual dos ex-alunos da Unicamp — que já são mais de 12 mil —, para possibilitar uma confraternização entre alunos e professores, além de uma troca de experiências visando ao aperfeiçoamento dos cursos atuais é o objetivo principal do Escritório de Ex-Alunos da Unicamp, o Exalcamp, criado no final da administração passada e que vem ganhando uma nova dimensão na atual.

O Exalcamp, que é coordenado pela professora Miriná B. S. Lima, tem cadastrado cerca de 6.500 Ex-Alunos. Entretanto, o contato desses profissionais com a Universidade ainda é restrito. A partir do encontro de agosto, o que se pretende, segundo o pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, professor José Carlos Valladão de Mattos, também coordenador executivo do Exalcamp, é justamente romper com essa inércia e estabelecer um contato permanente da instituição com seus ex-alunos, num processo continuado de "feedback".

A criação da Associação dos Ex-Alunos da Unicamp, a exemplo do que já existe em outras universidades brasileiras ou estrangeiras, deverá possibilitar um melhor entrosamento entre os ex-alunos da Universidade. Mas a proposta da Unicamp não se resume à confraternização, embora considere esse aspecto muito importante. Ela está preocupada em reavaliar seus cursos através de análise de temas como "a questão dos currículos", "os estágios curriculares no mercado de trabalho", "a relação entre sua formação na Unicamp e seu desempenho profissional" e "a interação Universidade/Empresa". A Universidade já oferece cerca de 300 cursos de extensão. Dependendo da demanda de seus ex-alunos, poderá não só ampliá-los mas também diversificá-los em horários compatíveis com suas necessidades.

O programa do Encontro de Ex-alunos da Unicamp está assim composto: às 9h00, recepção na unidade de origem seguida de debates que versarão sobre os temas "experiência profissional após o término da Universidade" e "considerações a respeito do currículo — críticas e sugestões". Às 14h00 do mesmo dia haverá uma mesa-redonda coordenada pelo professor Mário Presser, ex-coordenador do Exalcamp, durante a qual serão abordadas as seguintes questões: "o papel da Unicamp no cenário brasileiro", a cargo do reitor Paulo Renato Souza; "o ex-aluno e a extensão universitária: oportunidades para o aprimoramento profissional", com o pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, professor José Carlos Valladão de Mattos; "a relação aluno/empresa/universidade: novos aspectos de um velho problema", com o pró-reitor de Graduação, professor Antonio Mário Antunes Sette, e "as perspectivas do Exalcamp", com a coordenadora do escritório, professora Miriná B.S. Lima. Após a exposição dos conferencistas haverá debate com a platéia seguida de um coquetel de encerramento. **(G.C.)**

VIDA UNIVERSITÁRIA

ENCONTROS

Gabriel Porto — Nos dias 6 e 7 de julho o Centro de Reabilitação Dr. Gabriel Porto, da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, realiza três eventos no Centro de Convenções da Universidade, das 9h00 às 17h00. No salão I haverá o "IV Simpósio brasileiro sobre a problemática da deficiência auditiva", que abordará aspectos médicos, foniátricos, educacionais e emocionais nas deficiências mental e auditiva. No salão II acontecerá o "II Simpósio paulista sobre terapia ocupacional", com a apresentação de trabalhos científicos e experiências de terapia ocupacional em instituições de ensino e assistência. No salão III do Centro de Convenções, o "I Congresso estadual sobre a deficiência mental" mostrará os aspectos neurológicos, genéticos, psicológicos e educacionais; o campo de trabalho do deficiente mental e outros assuntos, além de projetos desenvolvidos em instituições. Os três eventos estão sob a coordenação da docente em educação especial e reabilitação Silvania Ferrari, do Centro de Reabilitação Dr. Gabriel Porto. Maiores informações pelo telefone (0192) 2-1452.

Informática e ensino — O Núcleo de Informática Biomédica (NIB) e o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp estarão promovendo no período de 1º a 4 de agosto, das 9h00 às 17h00, no Centro de Convenções e no Ginásio Multidisciplinar da Universidade, o "I Simpósio sobre tecnologias educacionais da informática no processo de ensino—da aprendizagem e pesquisa". A coordenção do evento está a cargo da docente Neusa Luciano de Campos (IEL). Maiores informações pelos telefones (0192) 39-3600 e 39-1301, ramal 2402.

Engenharia e ecologia — Discutir formas de minimizar os impactos que a engenharia, de um modo geral, causa no meio ambiente é a proposta do "13º Seminário Nacional de Estudantes de Engenharia", a ser realizado nos três salões do Centro de Convenções e no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp, entre 7 e 12 de agosto. O evento está sendo organizado pelos centros acadêmicos dos cursos de Engenharia Civil, Elétrica e Agrícola da Unicamp. Haverá debates sobre engenharia e ecologia, engenharia e soberania nacional, um seminário sobre autonomia universitária e 14 cursos de extensão nas áreas de engenharia civil, mecânica, química, elétrica, de alimentos e agrícola. As inscrições poderão ser feitas no primeiro dia do seminário. Maiores informações pelo telefone (0192) 39-1301, ramais 2097 e 3377.

Neurologia — O Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, com o apoio da Academia Brasileira de Neurologia (Capítulo São Paulo), realiza no dia 12 de agosto, das 8h30 às 17h00, no salão II do Centro de Convenções da Universidade, a reunião da Academia Brasileira de Neurologia, sob a coordenação do médico Carlos Alberto Mantovani Guerreiro, docente da Unicamp. O tema central do evento serão as complicações neurológicas de drogas—particularmente o alcoolismo—e da Aids. Informações pelo telefone (0192) 39-1301, ramal 2990.

Doenças respiratórias — Reunir pediatras para reciclar e organizar condutas únicas de tratamento no Estado de São Paulo é o objetivo da "I Jornada de doenças respiratórias na infância", que o Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp promoverá de 24 a 26 de agosto, das 8h00 às 19h00, no Centro de Convenções da Universidade. Coordenado pelo pediatra José Dirceu Ribeiro, da FCM, o evento contará com a participação de cerca de 30 especialistas de várias instituições de ensino nas cinco conferências, quatro mesas redondas e dois colóquios. Alguns dos assuntos a serem apresentados são as repercussões das pneumopatias da infância na vida adulta, prevenção das doenças respiratórias e nutrição na infância, infecções respiratórias agudas, tuberculose na infância, técnicas diagnósticas, medicamentos e procedimentos radiológicos especiais nas investigações das doenças toráxicas. Informações, telefone (0192) 39-1301, ramal 2896.

CURSOS

Plástica Ocular — A disciplina de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Ocular promovem no dia 8 de julho, das 8h30 às 17h30, no salão II do Centro de Convenções da Unicamp, um curso sobre a cirurgia plástica ocular. Será destinado a oftalmologistas, residentes e profissionais da área. Informações e inscrições pelo telefone (0192) 39-1301, ramal 3360.

Dispositivos eletrônicos — É o tema do curso promovido pelo Departamento de Semi-Condutores, Instrumentos e Fotônica da Faculdade de Engenharia Elétrica da Unicamp, Sociedade Brasileira de Vácuo, Sociedade Brasileira de Microeletrônica e Institute of Eletrical and Eletronics Engineers (IEEE). Coordenado pelo docente da Unicamp Vitor Baranauskas, o curso será realizado entre 14 e 16 de agosto, no salão II do Centro de Convenções da Universidade, ministrado por especialistas do Centro Tecnológico para a Informática (CTI), Universidade de São Paulo (USP), Unicamp e Elebra. Dentre os assuntos estão a física de semicondutores, dispositivos de silício amorfo e células solares. Maiores informações pelos telefones(0192) 39-3424 e 39-1301, ramal 3240.

EM DIA

Convênio Unicamp/CENP — Mostrar que o livro de gramática não é apenas um livro didático, e incentivar professores de português a levar para as salas de aula, nas escolas de primeiro e segundo graus, uma maneira mais moderna e científica de tratar os estudos da linguagem. É o que propõe o convênio assinado entre a Unicamp e a Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP), da Secretaria Estadual da Educação, através de palestras que acontecerão entre 17 e 21 de julho, das 8h30 às 17h30 horas, no salão III do Centro de Convenções e no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade. Durante o evento "Gramática tradicional, lingüística moderna e ensino" serão ministrados cinco cursos, além de conferências e mesas redondas. A coordenação é do professor Luiz Carlos Cagliari e os professores da rede estadual interessados em participar podem obter maiores esclarecimentos pelo telefone (0192) 39-1301, pelo ramal 3536.

Cooperação científica — Uma delegação da Academia de Ciências da União Soviética visitou oficialmente a Unicamp no dia 8 de maio, a fim de conhecer as pesquisas que vêm sendo feitas em áreas como informática, química orgânica, física de baixas temperaturas, meio ambiente, economia e ciências sociais. Além do interesse em futuros convênios nessas áreas, o presidente da academia soviética, Guri Martchouk, disse que quer ampliar as pesquisas de colaboração junto ao Departamento de Raios Cósmicos do Instituto de Física da Universidade, que tiveram início em 1982. A vinda da delegação ao Brasil resultou ainda na assinatura de um acordo de cooperação de âmbito governamental com a Secretaria Especial de Ciência e Tecnologia e a Academia Brasileira de Ciências. A Academia de Ciências da União Soviética foi fundada em 1825 pelo czar Pedro, o Grande.

Feira de ciências — O Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) da Unicamp recebe até o dia 25 de agosto os trabalhos científicos sobre ciências exatas, biológicas, humanas e artes, para o Concurso Nacional Unicamp/Petrobrás. Serão selecionados os 30 trabalhos de alunos de escolas públicas e particulares de segundo grau, que serão expostos na Feira de Ciências-89. Essa acontecerá nos dias 29 e 30 de setembro, na Universidade. O regulamento deve ser solicitado ao SAE pela caixa postal 6137. O CEP é 13.081, Campinas (SP).

TESES

Foram defendidas nas últimas semanas as seguintes teses:

Tese de Mestrado em Matemática Aplicadas — Candidato: Vera Jussara Lourenzi Muhl. Título da Tese: "Uma Proposta Alternativa para o Ensino de Introdução à Lógica". 02/05

Tese de Mestrado em Economia — Candidato: Antonio José Correa do Prado. Título da Tese: "A Difusão da Automação Flexível na Indústria Brasileira de Autopeças". 03/05

Tese de Mestrado em Biologia Vegetal — Candidata: Gláucia Moraes Dias. Título da Tese: "Crescimento e Floração da Cultivares Nantes e Brasilia de Daucus Carota L. Submetidas a diferentes tratamentos". 04/05

Tese de Mestrado em Ecologia — Candidata: Olga Kotchekoff. Título da Tese: "Composição Florística e Estrutura de uma mata mesofila semi-decídua na cabeceira do rio da Cachoeira, Serra de Itaqueri—Itirapina". 04/05

Tese de Mestrado em Automação — Candidato: Evandro Eduardo Seron Ruiz. Título da Tese: "Comparação de Técnicas e Métodos para Visão Computacional em Ambientes Industriais". 05/05

Tese de Mestrado em Lingüística — Candidato: Ademar Silva. Título da Tese: "Relação entre a Fala e a Segmentação na Escrita Espontânea de Crianças da 1a. Série do 1o. Grau". 05/05

Tese de Mestrado em Educação Aplicada a Geociência — Candidato: Pedro Wagner Gonçalves. Título da Tese: "Geologia e Apropriação do Espaço Urbano: Elaboração do Conceito de Espaço Geológico". 08/05

Tese de Mestrado em Ciência da Computação — Candidato: Carlos Miguel Tobar de Toledo. Título da Tese: "Ana-re: Um método para análise e especificação de requisitos". 10/05

O passeio da câmera

O pastor faz sua pregação em praça pública? Os fiéis rezam o texto sagrado? Nem tudo o que parece é. O evangelho aqui é mais que terrestre: o leiloeiro entoa o "dou-lhe três" a um dos veículos postos em leilão pela Unicamp, no último 21 de junho.

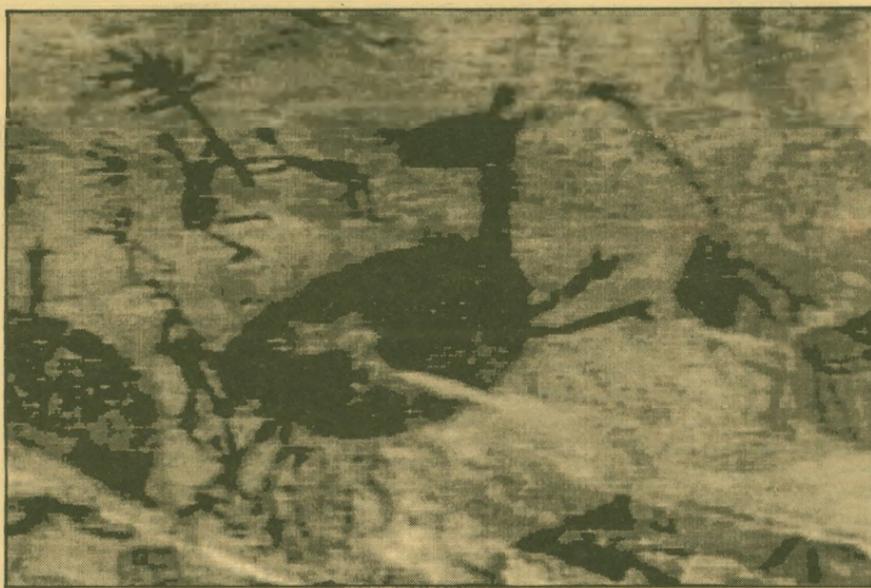
Há 48 500 anos, no Piauí

Arqueóloga confirma que era brasileiro o homem mais antigo das Américas.

As teorias sobre o povoamento da América começam a receber novas luzes: há pelo menos 48 500 anos, isto é, em plena idade da pedra lascada, o homem já habitava o continente. O fato foi comprovado em junho pelo Laboratoire Mixte, do Centro de Fracas Radioatividades de Paris, mediante análises com carbono 14 e o uso de um acelerador especial de massa em restos de carvão encontrados num forno de barro. E mais: o material encontrava-se no município brasileiro de São Raimundo Nonato, sudeste do Piauí, no interior do Parque Nacional da Serra da Capivara, onde há hoje cerca de 300 sítios arqueológicos.

Especialistas da Fundação Museu do Homem Americano, no entanto, acreditam que os primeiros vestígios do homem no local podem datar de 55 mil anos: outros pedaços de carvão foram achados na última camada do mesmo sítio. A análise será feita na Universidade de Toronto, Canadá, pelo método da termoluminescência, que permite avaliação de até 60 mil anos. O resultado deve ser conhecido no final do ano, segundo a arqueóloga responsável pelas escavações, Niède Guidon, professora visitante da Unicamp e ligada ao Centro de Altos Estudos e Ciências Sociais de Paris. Iniciados em 1970, os trabalhos arqueológicos intensificaram-se em 1978 com as descobertas feitas no Boqueirão. Atuam hoje nas pesquisas 35 especialistas de várias áreas da Unicamp, Universidade de São Paulo, universidades federais do Piauí e de Pernambuco, Fundação Instituto Oswaldo Cruz e da instituição francesa. Eles estão iniciando escavações em cavernas calcárias recém-descobertas e que contêm não poucas pinturas rupestres. Viviam nos locais agricultores ceramistas.

Importância cultural

Arqueólogos japoneses, norte-americanos e russos já se interessaram por esses vestígios, cujas datações variam de 6 160 a 48 500 anos. Foram ali encontrados utensílios de pedra lascada e polida, fósseis de animais (preguiça gigante, veado, lhama fóssil, porco-do- mato, cavalo americano, mastodonte, tatu gigante, tigre dente-de-sabre, gato-do-mato, urso), além de cerâmicas e pinturas incrustadas em rochas.

Pintura rupestre detalhada por computação gráfica. A ajuda técnica da Unicamp tem sido importante.

Niède Guidon explica que "esse material é suficiente para permitir um estudo abrangente da vida do homem pré-histórico americano. Os fósseis de animais herbívoros indicam que havia na região uma rica floresta, transformada em caatinga pelas sucessivas mudanças do clima. Acreditamos que isso levou aquele homem a migrar para a área do rio São Francisco".

Niède: "A caatinga nordestina já foi floresta amazônica."

Software

O Centro de Comunicação da Unicamp vem registrando pacientemente o trabalho desenvolvido pela pesquisadora e suas dezenas de auxiliares. A documentação foi apresentada em maio, nos Estados Unidos, em sessão especial de um congresso sobre o povoamento da América. Dada a importância das pesquisas, o governo brasileiro está criando na região um "ecomuseu", que objetiva levar a população local a preservar seu patrimônio histórico e cultural.

Para auxiliar a Fundação Museu do Homem Americano em suas pesquisas sobre a arte rupestre do homem pré-histórico — composta por gravuras, pinturas e figuras geométricas incrustadas em rochas — o Centro de Comunicação da Unicamp desenvolveu um software que permite aos arqueólogos verificar a evolução das diferentes manifestações dessa arte pelo tratamento informático em vídeo. Esse avanço tecnológico tem surpreendido especialistas de vários países, que o consideraram um trabalho, além de inédito, qualitativamente alto.

O software foi desenvolvido em seis meses pelo jornalista e coordenador do Centro de Comunicação Marcelo Souza, pelos engenheiros elétricos Carlos Bottesi e Rubem Almeida, e pela antropóloga Anne Marie Pesis, docente do Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp. Marcelo explica que existem muitos softwares com aplicações em arte gráfica, "mas esse é específico para a arqueologia e possibilita uma abordagem diferente da imagem", arremata.

O primeiro passo consiste em fotografar ou filmar as ilustrações nas rochas. Depois as pinturas rupestres são transmitidas para um computador Itautec PCxt 286. Uma placa digitalizadora possibilita a reprodução das imagens no vídeo e também na impressora. Para os cientistas, segundo a arqueóloga Niède Guidon, a tecnologia representa economia de tempo e melhor qualidade nas pesquisas. Ela substitui a tradicional técnica de decalcar as gravuras com um plástico, o que demora dez dias. Além disso no vídeo é possível identificar cores que o homem não observaria a olho nu.

O coordenador do Centro de Comunicação exemplifica que o software pode fazer com que apareça na tela apenas o contorno das figuras rupestres, mediante a alteração de cores em determinadas partes do desenho, a inversão positivo-negativo da imagem ou vice versa (especialmente com fotografias). Outras funções do software são a atenuação ou a incrementação da cor e a transposição do colorido, de forma a tonalizá-lo para que se possa detectar pontos confusos ou imperceptíveis a olho nu. Além disso, permite a decomposição parcial da imagem, para melhor avaliação do significado das ilustrações, por exemplo; e ainda a composição ou o rearranjo de uma parte da pintura ou de uma cor, mantendo inalterado o restante da gravura. **(C.P.)**

Senhoras e senhores, a memória do circo

Na Unicamp um pitoresco acervo reúne 400 peças de teatro de picadeiro.

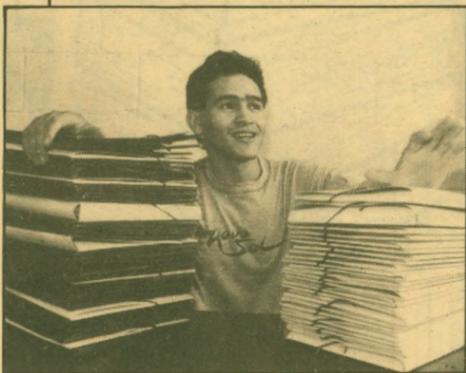
Ponto de referência para quem procurasse uma peça de teatro no final do século passado em São Paulo, o livreiro português Vieira Pontes (dono da então Livraria Vientia Pontes, hoje Livraria Teixeira) ganhou ou comprou muitas delas. A coleção de peças de circo-teatro de Vieira Pontes, composta por quase 400 unidades de grande importância, hoje pertence à professora Marlyse Meyer, do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp. Ela o recebeu por doação,há cerca de quatro anos, do empresário e bibliógrafo José Mindlin, presidente da Metal Leve. No momento o "Arquivo Vieira Pontes" vem sendo catalogado por duas estudantes de artes cênicas e se prepara, tão logo Marlyse retorne da França, onde está em viagem de estudos, para ser doado ao Arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp.

Até lá, entretanto, há um trabalho penoso que consome horas e horas das estudantes Gisa Gasparotto e Carla Gialuca Hossri. Elas organizam, identificam e catalogam os textos, para que possam, após microfilmados, servir para estudo de pesquisadores da área.

"O Vieira Pontes era louco pelo teatro e comprava tudo que lhe aparecia", informa Marlyse. "As peças são de grande importância, algumas com exemplares anotados pelos atores, com indicação de suas participações e formas de interpretação".

Marlyse destaca entre quase 400 textos o famoso "Deus lhe pague", de Joraci Camargo. Alguns estão em bom estado de conservação, outros nem tanto. Daí a importância do trabalho de microfilmagem. Só depois de sua conclusão é que o arquivo será colocado à disposição do público.

Gisa Gasparotto, que trabalhava na catalogação do Arquivo, diz que "ele retrata uma época pouco estudada do nosso tempo, do século passado até 1940". Muitos dos textos que pertenceram a Vieira Pontes são peças de teatro escritas para serem exibidas em circos. É por esse motivo que o autodidata Luiz Rodrigues Monteiro Júnior, professor de técnica circense do Departamento de Artes Cênicas, interessou-se pelo arquivo. "Pretendemos encenar algumas peças do Pontes", afirma. Mas não definiu ainda quais. As opções são muitas, como a comédia "Terra natal", de Odulvaldo Viana (pai); uma adaptação de "O morro dos ventos uivantes", de Emile Brontë; "Anos de perdição", de Camilo Castelo Branco; e "O badejo", de Artur Azevedo, entre outras. Outro texto do Arquivo Vieira Pontes, "Estou amando", tem a data de abril de 1917.

O palhaço Torresmo durante depoimento na Unicamp.

Monteiro: ampliando o acervo com novos depoimentos.

Uma comédia de 1917, de Rodrigues de Mello: texto circense.

Memória do circo

Enquanto aguarda a catalogação do Arquivo Vieira Pontes — feita aos poucos, graças a uma verba liberada pelo Fundo de Apoio à Pesquisa da Unicamp — Monteiro se dedica a outro projeto. Ele pretende, através de relatos de palhaços e historiadores, compor uma "Memória do Circo". O projeto começou em abril do ano passado. Naquela época, a estudante Débora Duboc, que é de Ribeirão Preto, trouxe à Unicamp o autor de circo-teatro Antenor Pimenta. Sua peça, "O céu une dois corações", foi uma das mais famosas e das mais representadas. Nos anos 30, quando comandava a "Cia. de Circo Rosário", Pimenta dirigia mais de 100 pessoas, que se deslocavam Brasil afora em avião para apresentar "O céu une corações".

Débora participou da última montagem dessa peça, em 88, com Pimenta e sua esposa no papel do casal que tudo fazia para impedir o casamento da filha. Quando Pimenta veio à Unicamp, no ano passado, encenou um pequeno trecho dessa peça, além de dar o seu depoimento para o "Memória do Circo".

Foi esse mesmo projeto que trouxe o palhaço Torresmo (Brasil José Carlos Queirolo) e o historiador e empresário circense Rafael de Paula Neto — Tito Neto, conhecido como "Rei do circo" — à Unicamp no início de maio. Torresmo, mesmo sem crianças à volta, fez os alunos de artes cênicas darem boas risadas. Aos 71 anos, relembrou a origem circense de sua família, que o faz nascer — pelas contínuas viagens dos Queirolos — em Espírito Santo do Pinhal. Como a maioria das companhias que tanto sucesso fizeram no circo, a sua é de origem estrangeira, apesar de seu pai — o palhaço Chicharrão — ter nascido, por "ossos do ofício", em Livramento, no extremo sul do País.

"Eu não sou um palhaço, sou um excêntrico", tratou de explicar Torresmo, para emendar que "clown" é aquele que pinta a cara de branco. Cara pintada, Torresmo abriu na TV, com a Tupi, em 50, uma nova fase para o circo. Trabalhou ali 14 anos com seu amigo Fuzarca, que a princípio não acreditou no sucesso da televisão. "Eu, ao contrário dele, sabia que aquilo ia explodir, como realmente aconteceu", explica Torresmo.

Hoje afastado dos picadeiros, Torresmo ainda encontra tempo para suas piadas e para pintar a cara. Isso ele fez questão de fazer na Unicamp, para ensinar aos estudantes os segredos da metamorfose de um "clown". Do circo guarda boas lembranças, histórias não lhe faltam. Seu depoimento, como o de Tito Neto, assim como de outros que virão, podem fazer com que o circo permaneça vivo. **(R.C.)**